



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DARCY RIBEIRO

DEPTO FILOSOFIA

Por trás do carisma: A estética como ferramenta de poder

Autora: Débora Louzada Gomes

Orientadora: Priscila Rossinetti Rufinoni

BRASÍLIA 2023

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Regiane Louzada e Alvimar Gomes, por terem me ajudado em tudo o que podiam para que eu conseguisse tempo o suficiente para escrever esta monografia.

Ao meu namorado, João Victor Menezes, por ter cuidado de mim nos momentos de ansiedade, por ter me ajudando a desenvolver minhas ideias, e por ter aceitado me ouvir falar desta monografia quase que todos os dias.

A todos os meus amigos por terem acompanhado todo o meu processo de trabalho, e por me ajudarem a evoluir como graduanda.

Aos meus professores, que foram parte do por que eu cheguei ao tema desta monografia. E, em especial, a minha orientadora, que respondia com calma as minhas milhares de mensagens durante o processo de escrita.

Aos meus colegas da igreja que oraram por mim incessantemente.

E, o mais importante, a Deus, que me permitiu a vida e me orientou no caminho da filosofia.

RESUMO: O presente trabalho busca compreender mais acerca de momentos da história onde emergiram políticos carismáticos – considerando o conceito de Weber para ‘dominação carismática’, ou seja, a eleição de um líder pela fé neste como o messias. O intuito é que se estabeleça uma posição crítica a esta forma de dominação, ao demonstrar como o político constrói, a partir da situação vigente, a sua imagem de messias, e que esta não é uma característica inata do político em questão. O primeiro autor pelo qual veremos esse fenômeno se trata de Platão, mais especialmente em *A república*, que será central para que, mesmo considerando que a república democrática ateniense seja muito diferente, possamos compreender que a conquista de uma democracia não é ideal por si só para levar ao bem-estar geral, considerando que há brechas para a tirania, do qual deveríamos nos atentar. Segundo o autor, boa parte disso se deve por ela estar propensa a ascensão de um sofista, o que procurei demonstrar ter as características de um político carismático, ao conquistar a população através de belos discursos, uma ferramenta estética sonora muito utilizada na Grécia Antiga. Com Walter Benjamin, segundo autor ao qual escolhi analisar, busquei esclarecer se as colocações de Platão, principalmente no que diz respeito as preocupações com uma liderança carismática, ainda são pertinentes para compreender a política democrática, e quanto a essa análise, me detive em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, em que Benjamin enfatiza que a estética – ou seja, todo o campo do sensível – é um artifício central para manutenção de poder, como foi o caso com Adolf Hitler, líder carismático, que apesar de não ter sido eleito com maioria dos votos numa eleição livre e sim numa eleição consolidada a partir de violência, tinha amplo apoio anterior a sua eleição, em boa parte, graças aos artifícios estéticos que instaurou durante toda campanha e governo. Por fim, tendo como base o processo de eleição democrática do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, que ocorreu apoiada na utilização dos memes do ‘Sapo Pepe’, destrinchei, como se apresenta na atualidade, o conceito de Benjamin de ‘estetização política’, e lembrei os perigos de uma democracia refletidos nos diálogos Socráticos narrados por Platão. Parte que foi feita, em especial, tendo como referência as notícias políticas publicadas a partir dos principais meios de comunicação, como forma de compreender que os meios estéticos são, atualmente, também, o principal meio de informação, carecendo que tenhamos um cuidado ainda maior com como adquirimos nossos conhecimentos.

Palavras-chave: Estética. Política. Carisma. Hitler. Trump. Pepe.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. HIPÓTESE DE TRABALHO	9
3. <i>A REPÚBLICA</i>	13
Entendendo o papel do político carismático dentro da democracia	16
A passagem a tirania.....	21
4. A ALEMANHA NAZISTA E HITLER, UM LÍDER CARISMÁTICO	25
<i>A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica</i>	34
“Estetização política”	39
5. ELEIÇÃO DO EX-PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DONALD TRUMP	47
<i>Feels good man</i> – A arte como ferramenta política	55
6. CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS.....	69

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Maiêutica	13
FIGURA 2 – Eleição	20
FIGURA 3 – Propaganda nazista	29
FIGURA 4 – “Rádio do povo”	32
FIGURA 5 – A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica	35
FIGURA 6 – Caverna moderna.....	40
FIGURA 7 – Propagandas antisemitas	43
FIGURA 8 – Heitor, o eleitor	45
FIGURA 9 – Make America great again	50
FIGURA 10 – Trump twitter	51
FIGURA 11 – Vote TRUMP	52
FIGURA 12 – Protesto em frente a Trump Tower.....	54
FIGURA 13 – I’m Pepe the frog	57
FIGURA 14 – Pepe para presidente	59
FIGURA 15 – Boys Club	60
FIGURA 16 – O meme.....	61
FIGURA 17 – Pepe como figura de ódio	62
FIGURA 18 – Pepe presunçoso	63
FIGURA 19 – Pepe Trump.....	63
FIGURA 20 – Save Pepe.....	65

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	14
----------------	----

1 INTRODUÇÃO

Uma afirmação em especial serviu como motivação para a elaboração desta monografia:

Voltaremos a atenção, particularmente, para o segundo tipo de legitimidade, ou seja, o poder brotado da submissão ao “carisma” puramente pessoal do chefe [...] a ele se dá obediência não por costume ou devido a uma lei, mas porque neles se deposita fé. (WEBER, 1993, p. 58)

O conceito de dominação carismática de Weber é fundamental para compreender, em termos gerais, o tema deste trabalho. A dominação legitimada pelo carisma é aquela obtida quando se conquista a obediência das pessoas não pelas leis estabelecidas ou por alguma tradição, mas sim pela crença. Logo, tal líder recebe obediência daqueles que o seguem mesmo antes que possa ser eleito, durante o seu mandato, e até mesmo após o fim de seu governo.

Uma vez que a política tem dominado as discussões nas redes sociais durante as últimas eleições democráticas, gerando conflitos e mantendo-se em destaque constante nos veículos de imprensa – levando em conta retrospectivas como a do Google, que revelaram que no Brasil palavras como ‘Eleições’, estavam entre as mais comentadas nas redes sociais em 2018 – deve haver um consenso sobre a crucialidade da eleição de um político “adequado” no contexto democrático, e com isso quero dizer, um político que ao menos demonstre respeito pelos direitos civis e políticos, garantidos constitucionalmente. Considerando a relevância do tema, surge a indagação do por que ainda é concebível eleger um líder que recebe obediência com base apenas em convicções pessoais, como é o caso dos ditos políticos carismáticos.

A primeira resposta que surge a questão é que, apesar de o tema ‘política’ ser frequentemente debatido, apoiados no ideal da liberdade de expressão extrema (a ideia de que se pode falar abertamente sobre tudo, mesmo que seja equivocado, ou constitua uma fala contrária ao bem comum), criou-se uma percepção equivocada de que política não é tão importante, ou seja, não é algo do qual se precise adquirir conhecimento, e na verdade, é algo que pode ser discutido sem embasamento e pesquisa, e assim, um político pode ser eleito até mesmo, e principalmente, por afinidade. Tal fato não está alinhado com os propósitos políticos democráticos primordiais, que é o de se dedicar ao seu dever político através de pesquisas sobre as políticas públicas que irão ser aplicadas pelo líder, para que encontre aquele político que presente e governe em nome dos interesses e do bem-estar do povo que ele ou ela representa.

Não basta meramente comparecer às urnas: um bom eleitor precisa saber votar bem. Votar em branco ou nulo no nosso sistema equivale praticamente a jogar o voto fora. É melhor que você tenha consciência e posição sobre o que é melhor para o

país/estado/município. [...] Entendemos que é dever do eleitor, antes de escolher seus candidatos preferidos nas eleições, se inteirar o quanto possível sobre as propostas de cada candidato. (BLUME, Bruno. 2016)

Uma segunda alternativa é que, apesar de a política ser vista como muito importante, a eleição de um líder carismático possa ser vista como inofensiva. Uma vez que as relações são guiadas pela confiança, e seria impossível conhecer plenamente qualquer que seja o político durante apenas alguns meses de campanha, mesmo que desejássemos fazê-lo, acredita-se que esse líder, ao ser equiparado às características inerentes de um indivíduo carismático – “uma postura agradável e acessível, de fácil interação [...] com facilidade de se comunicar para estabelecer laços de amizade e fazer conexões” (MARZOLA, Veluma. 2021) – seja a opção mais plausível. Além do que, com frequência, esses políticos se apresentam como figuras antissistema e com o que Weber chama de “poder revolucionário”, fazendo promessas de melhorias extraordinárias. Naturalmente, todos desejariam ter essa imagem de benevolência suprema e salvadora como líder do país.

Aqueles da primeira alternativa não são o meu foco, pois, eles têm em mente que não estão auxiliando a política em efetivo, e a esses basta, num primeiro momento, que demonstrem a importância da política – não que seja um trabalho fácil, mas mais comum. Este segundo grupo é que me preocupa, pois, acreditam na importância da política e, sobretudo, no fato de estarem exercendo seu dever cidadão de eleger aquele que melhor representaria o povo, então, dificilmente serão convencidos de que não estão exercendo seu dever da melhor forma ao elegerem um político carismático.

A questão aqui não é afirmar que a eleição de todos os políticos carismáticos seja automaticamente antidemocrática por que costumam levar a consequências políticas trágicas. Conforme observado por Max Weber, é na verdade bastante possível que isso não ocorra, pois o carisma por si só não garante seguidores infinitamente. Assim, um líder carismático pode perder seu apoio rapidamente, mesmo antes de ter a oportunidade de tomar medidas efetivas, quer sejam boas ou más para a sociedade.

Weber também traz perspectivas quanto ao pós estabelecimento de um governo com um líder carismático, vinculada à percepção de que é de extrema importância que o chefe continue a fazer atividades, ou feitos históricos para efetuar com que seus seguidores continuem fiéis às suas crenças (MAIOR et al, 2020, p.6)

O que me fez escrever esse trabalho, é o problema que reside nos líderes que conseguem se manter no poder. Infelizmente, muitos deles carecem de qualidades substanciais para governar efetivamente em uma democracia, o que ocorre porque muitos desses líderes dedica-

ram seus esforços principalmente à construção de carisma para alcançar o poder, em vez de desenvolver as habilidades necessárias para governar com sucesso. Isso pode ser exemplificado por casos históricos como os sofistas, os nazistas, e principalmente políticos contemporâneos, como Donald Trump. Neste trabalho, exploraremos como esses líderes ilustram a política carismática, que não tem se assemelhado a uma liderança eficaz ou democrática.

2 HIPÓTESE DE TRABALHO

O presente trabalho tem como fontes primárias três filósofos – Platão; Walter Benjamin; e Weber. Mas além de seus respectivos livros, utilizarei também de diversas imagens que pressuponho serem essenciais para uma análise estética e também para tornar o trabalho mais didático. Assim como diversas reportagens, considerando o papel essencial da mídia para termos um acesso mais amplo as eleições Estado Unidense, apesar de reforçar o fato de que se deve considerar mais de uma mídia informativa para chegar a uma informação mais próxima da realidade, e ao máximo mais isenta de opiniões, que é parte do que busco reforçar durante o trabalho.

Estas referências serão utilizadas buscando estabelecer um método comparativo entre três períodos distintos – *A república* de Platão (por volta de 380 a.C), *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* de Walter Benjamin (1936) e a eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2016) –, o que tem como objetivo levar ao desenvolvimento, como sociedade, de um pensamento crítico em relação às decisões políticas: quais são verdadeiramente fundamentadas em pesquisas políticas aprofundadas, e quais são influenciadas pela oratória, mídia, entretenimento e outros elementos que nos levam a desenvolver empatia por políticos carismáticos.

Por mais que Platão e Walter Benjamin não falem diretamente em ‘liderança carismática’, que é o foco do presente trabalho, as características dos líderes políticos que são alvo de suas críticas são também as características desta forma de liderança, seguindo o conceito de Max Weber. Ao citarem os líderes carismáticos, que no caso de Platão são os sofistas, e no de Walter Benjamin os nazistas, considerarei, conseqüentemente, que estão falando deste segundo tipo de liderança caracterizada por Weber, e é desta forma que citarei neste trabalho.

Existe, em segundo lugar, a autoridade que se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo (carisma) – devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas, por heroísmo ou por outras qualidades exemplares que dele fazem o chefe. Tal é o poder “carismático”, exercido pelo profeta ou – no domínio político – pelo dirigente guerreiro eleito, pelo soberano escolhido através de plebiscito, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político. (WEBER, 1993, p. 57).

A República de Platão, surge como um dos registros mais antigos no campo da filosofia tratando com profundidade o tema político. Assim, trata-se de uma leitura de importância primordial para o entendimento das diversas formas de governo. Uma das partes de maior relevância para o escopo atual deste trabalho é a Alegoria do Navio, presente no Livro VI, que

funciona como uma metáfora que incita reflexões sobre o papel do governante como piloto e a sociedade como a embarcação a ser guiada. Já o segundo aspecto de relevância é a análise governamental abordada no Livro VIII, que revela uma análise minuciosa das formas de governo, explorando suas virtudes e delineando as causas que podem conduzir à desintegração de sistemas políticos. Neste livro, faz uma crítica contundente a democracia, considerando que esta forma de governo pode dar espaço a líderes que, por meio do carisma, facilmente enganariam uma população politicamente desinformada, e, por ser uma forma de governo que, com o tempo, levará à tirania, o pior dos regimes, e o oposto do governo filosófico almejado. Estas duas partes de *A República* devem proporcionar uma base sólida para a compreensão das dinâmicas governamentais antigas.

Muitos séculos depois, o artigo de Benjamin, *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*, reforça os perigos da ascensão de um político carismático, ao se dedicar à uma análise minuciosa do processo de reprodução das artes, e abrir portas para o conceito de ‘estetização política’, que nada mais é do que, o reconhecimento de uma ferramenta que é amplamente utilizada por governos liderados por figuras carismáticas: a arte. A arte, aqui, não se limita apenas à pintura, cinema ou fotografia – que são os exemplos mais frequentemente citados pelo próprio autor – mas abrange também todo o espectro da propaganda e de elementos cotidianos do mundo sensível, aproveitados pela política como uma maneira de cativar afeto e conformidade da população.

Um exemplo tátil do uso da ferramenta artística na política se trata da campanha eleitoral da Alemanha nazista, governo ditatorial com amplo apoio popular, e cujo símbolos, lamentavelmente, ainda têm presença. Entretanto, a noção de ‘estetização política’ também é aplicável às eleições democráticas atuais, como evidenciado pela utilização do personagem ‘Sapo Pepe’, que se tornou um símbolo associado ao ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e à direita conservadora, sem a autorização do próprio criador, devido à reprodutibilidade facilitada pelas novas tecnologias.

Pressuponho que podem haver implicações a minha análise dos conceitos de ‘liderança carismática’ e ‘estetização política’ em diferentes períodos, já que, eu utilizo de conceitos da modernidade para lidar com épocas que possuem suas especificidades históricas e culturais, no qual estes conceitos não estavam sendo estabelecidos – como é o caso do conceito de ‘liderança carismática’ que foi alocado na democracia ateniense, que difere significativamente da democracia contemporânea; da mesma forma, com a estética discutida por Benjamin, que é

notavelmente distinta da estética atual, amplamente impactada pelo avanço tecnológico e sua capacidade de reprodução.

Um dos perigos está no anacronismo conceitual (utilizar-se de um conceito x da atualidade para explicar um momento anterior a criação deste conceito) quando se trata do conceito de ‘liderança carismática’, uma vez que eu o insiro em décadas anteriores à que esse conceito foi estabelecido. O anacronismo é fortemente criticado pelo fato de tratar os conceitos como atemporais, o que para a história seria, um desserviço historiográfico. No entanto, Nicole Loraux é uma autora que irá demonstrar que, apesar das fortes críticas, há defesa para tal, com a condição de que seja utilizado em uma prática controlada. Ou seja, embora o anacronismo deva ser evitado, ele pode ser justificado se os conceitos contemporâneos forem usados com sensibilidade e contexto ao explorar o passado – relembrando o fato de estes conceitos não terem sido criados especificamente para estes momentos. Nesse sentido, a ‘liderança carismática’ pode ser um termo aplicável a contextos históricos anteriores à sua criação, desde que seja utilizado com discernimento e considerando as especificidades da época em que está sendo empregado, e não modificando o passado em favor do conceito.

[...] refletirei sobre o método que consiste em ir para o passado com questões do presente para voltar ao presente, com o lastro do que se compreendeu do passado. Apenas, convém precisar – e essa é a dívida que reconheço em relação aos trabalhos que me ensinaram a fazer história – que existe na pesquisa uma etapa da qual não se poderia, a preço algum, fazer economia porque ela constitui uma condição necessária e preliminar ao vaivém entre o antigo e o novo: falo do momento em que se tenta suspender suas próprias categorias para cingir as desses “outros” que, por hipótese, foram os antigos gregos. (LORAUX, 1992, p. 61)

O que é dito pela autora é feito de forma semelhante pelo Canal “Leitura Obrigatória HISTÓRIA”, com uma adição: esta defesa do anacronismo não é possível para todo e qualquer conceito, mas apenas para aqueles que não são voltados para um momento histórico em específico. Ainda assim, o que é feito neste trabalho estaria justificado, uma vez que, o conceito de ‘liderança carismática’, apesar de ser um termo consideravelmente atual, foi criado para dar nome a algo que já vinha acontecendo – Weber não cita diretamente, até aonde eu tenha conhecimento, por exemplo, os sofistas ou os nazistas, mas também a mais nenhum exemplo particular, pois, a ‘dominação carismática’ não faz referência a uma época diretamente, e sim a política de forma geral. Logo, haveria aqui, um “anacronismo justificado”.

Quanto ao segundo conceito central, o de ‘estetização política’, este não será utilizado para retratar a antiguidade, e sua utilização na contemporaneidade é adequada, já que o termo, apesar de ter sido criado antes do avanço da tecnologia tal como vemos hoje, foi criado visan-

do uma ascensão tecnológica, então, mesmo sendo um termo consideravelmente anterior, está diretamente interligado a atualidade – em que a arte, devido ao avanço técnico, permanece como uma ferramenta explorada pelos líderes carismáticos para conquistar a atenção e confiança da população.

Em resumo, eu acredito que não podemos abrir mão da comparação histórica feita no presente trabalho, para que compreendamos como a política vem se estabelecendo e o que carece de reflexão e aprimoramento, entretanto, tomarei todo o cuidado possível para que os conceitos mais centrais do presente trabalho se estabeleçam com as diferentes épocas, sem deixar que as características históricas destas sejam desconsideradas.

3 A REPÚBLICA

A *República* é uma obra de Platão (350a.c), dividida em X livros, em que o autor narra alguns dos diálogos Socráticos. Dado que não possuímos nenhum trabalho produzido por Sócrates, as obras de Platão ganham destaque como potencial fonte para entender a filosofia Socrática, caracterizada pelo método maiêutico.

A maiêutica é um método em que aquele que fala, no caso dos diálogos de *A República*, Sócrates, formula perguntas para aqueles que ouvem, normalmente em tom sarcástico, para que estes possam enxergar que muitas de suas certezas são infundadas, e consigam chegar a uma conclusão o mais sólida possível sobre o assunto que está sendo discutido, pressupondo que tal conclusão estava oculta na mente do indivíduo e apenas tem que vir à tona. A forma de diálogo maiêutico é utilizada como método de ensino filosófico ao enfatizar o pensamento crítico e a autonomia no processo de aprendizagem.

FIGURA 1 – Maiêutica



Fonte: Calango74.blogspot.com (2019)

Enquanto diálogo, a obra aparenta ser, à primeira vista, uma discussão simples, no entanto, as questões comentadas neste ressoam até os dias atuais, especialmente no âmbito da filosofia política e ética, que são áreas de interesse Platônico.

Quanto ao tema base do diálogo – já pressuposto pelo título – é a constituição de uma república (uma organização política e social de uma comunidade). O que o filósofo sugere é

que para obter uma compreensão completa dos assuntos de seu interesse – justiça e harmonia; educação; as formas políticas e seus respectivos líderes; dentre outros temas menos importantes para a presente discussão – é necessário primeiramente analisá-los em um contexto mais amplo do que o indivíduo, ou seja, no âmbito constitucional, da politeia.

Portanto, talvez exista uma justiça numa escala mais ampla, e mais fácil de apreender. Se quiserdes então, investigaremos primeiro qual a sua natureza nas cidades. Quando tivermos feito essa indagação, executá-la-emos em relação ao indivíduo, observando a semelhança com o maior na forma do menor. (PLATÃO, p. 71, 369a)

O resultado desta discussão será a ‘cidade ideal’ (república socrática): aquela que reflete como a justiça deve ser aplicada; como se ter harmonia; qual a melhor forma de educação; e qual a melhor forma de governo a ser posto em prática.

TABELA 1

ASSUNTOS	COMO É APLICADO NA ‘CIDADE IDEAL’
Justiça e harmonia	Divisão de classes
Boa educação	Rigorosa e igualitária – primeiros anos Especializada – aos que descobriram suas habilidades
Forma de governo ideal	Aristocracia

Quanto à primeira característica, a **divisão de classes** – esta é importante para Sócrates numa cidade, por que cumpre com o objetivo que é “a realização da justiça entendida como atribuição a cada um da obrigação que lhe cabe, de acordo com as próprias aptidões.” (BOBBIO, 1997, p. 45) A primeira destas classes são os guardiões, que representam a classe mais elevada na cidade ideal de Sócrates, por serem indivíduos altamente educados, com “aversão à mentira e a recusa em admitir voluntariamente a falsidade, seja como for, mas antes odiá-la e pregar a verdade” (PLATÃO, p. 266, 484d), tendo como principal responsabilidade governar a cidade e garantir que ela seja guiada pela razão e pela sabedoria. Já os militares são responsáveis pela defesa e segurança da cidade, sendo indivíduos treinados para serem guerreiros habilidosos e corajosos. E, por fim, temos os artífices, também conhecidos como trabalhadores – é a classe com o maior número de pessoas, sendo estes responsáveis por todas as atividades necessárias para sustentar a cidade.

Tal ato de decisão sobre quem exercerá cada papel diz respeito à **educação** – através da educação igualitária, é possível que os indivíduos descubram seus potenciais. E, à medida

que avançam nessa descoberta, a educação se tornará mais direcionada (adaptada às habilidades individuais de cada pessoa). Esse processo educacional é projetado para capacitar os cidadãos a desempenharem papéis distintos e complementares na sociedade, o que levaria a harmonia.

Por conseguinte, meu excelente amigo, não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de ficares mais habilitado a descobrir às tendências naturais de cada um. [...] Terás, portanto, de fazer esse exame, para saber quais dentre eles possuem tais qualidades em mais alto grau e de quais são sólidos nas ciências, sólidos na guerra e nas restantes exigências da lei; a esses, logo que completem os trinta anos, depois de os selecionares dentre os já escolhidos, deves eleva-los a maiores honrarias e observar, experimentando a sua capacidade dialética, quem é capaz, prescindindo dos olhos e dos outros sentidos, de caminhar em direção ao próprio Ser pela verdade. (PLATÃO, p. 352, 537a; p.353, 537d)

Como a citação pressupõe, todos tem uma importância igualitária dentro desse sistema educacional e todos são muito comentados em *A República*, entretanto, tem sim ao qual Sócrates dá mais ênfase – o líder político (guardião), e conseqüentemente a sua forma de governo – uma **aristocracia**. A aristocracia, teria como tradução literal “o governo dos melhores”. Antigamente, o termo “aristoi” (do grego ἄριστοι), ou seja, “os melhores” se referia aqueles que estavam em posição de nobreza – aqueles que nasceram em uma família de boa posição social. Entretanto, a aristocracia citada pelo autor não está baseada num privilégio de alguns poucos, que detém o poder por herança – era o básico para Sócrates que o político fosse escolhido a partir de uma análise daquele que naturalmente se demonstrar, a partir da educação, mais sábio. Na realidade, esta será uma aristocracia filosófica – Sócrates acredita que apenas os filósofos seriam os “melhores”, ou seja, os mais aptos a guardar a cidade com cautela, já que, visam o bem comum e buscam a verdade, características que surgiram durante o processo educacional.

Enquanto não forem, ou os filósofos reis nas cidades, ou os que agora se chamam reis e soberanos filósofos genuínos e capazes, e se dê esta coalescência do poder político com a filosofia, enquanto as numerosas naturezas que actualmente seguem um destes caminhos com exclusão do outra não forem impedidas forçosamente de o fazer, não haverá tréguas dos males, meu caro Gláucou, para as cidades, nem sequer, julgo eu, para o género humano (PLATÃO, p. 251, 473d)

É possível que sermos governados por aristocratas soe desconfortável, principalmente para aqueles que vivem numa democracia, pois, estão acostumados a liberdade de escolha. Entretanto, é importante destacar que, por mais que não haja opção de escolha na aristocracia, o que está sendo proposto é plausível, pois, se trata de uma liderança composta por indivíduos desapegados de prazeres superficiais, logo, que seriam imunes à corrupção, e visariam o bem de quem representam – o que eu acredito ser o que estamos procurando na democracia.

Por fim, por mais que eu tenha me empenhado em defender a cidade ideal, concebida por Platão em sua obra *A República*, esta é uma construção utópica, uma vez que possui características que até o momento não foram encontradas em nenhum país que eu tenha conhecimento. No entanto, a importância dessa cidade ideal se mantém, e reside no fato de que estabelece um conjunto de parâmetros e princípios que devemos considerar ao escolhermos líderes políticos – a busca pela verdade, o apoio à educação, o reconhecimento da igualdade e das habilidades individuais, entre outros.

Mas talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundar uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas demais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento. (PLATÃO, p. 447, 592b)

Basicamente, Sócrates faz um apelo para que, mesmo que não seja dentro da aristocracia, e também não cumpra com as outras características da República Socrática, que seria o ideal – ao menos, não coloquemos no poder alguém – ou tomemos como verdadeira a opinião deste – do qual não tenhamos pesquisa o mínimo, para compreender se possui sabedoria suficiente para estar em tal cargo, e que sejamos reflexo da cidade e do político que desejamos ter.

3.1 ENTENDENDO O PAPEL DO POLÍTICO CARISMÁTICO DENTRO DA DEMOCRACIA

Em *A República*, livro VIII – agora tendo estabelecido o governo que acredita ser o da ‘Cidade ideal’, a aristocracia – Sócrates crítica quatro formas de governo: a timocracia, que valoriza as honrarias; a oligarquia, que é governada pelos mais ricos; a democracia, em que o povo tem o poder; e a tirania, em que o líder detém um poder absoluto. Todas essas formas são consideradas por Sócrates como derivações decadentes da aristocracia filosófica, embora façam parte da dinâmica política de uma sociedade.

Nenhuma dessas formas de governo é sustentável infinitamente, e por isso, um estado passará por todas, e na ordem exposta, que vai da mais próxima do ideal socrático, a timocracia, até a mais oposta, a tirania. Enfatizo que, na visão do filósofo, nenhuma delas busca o bem comum, mas sim os interesses de grupos ou indivíduos específicos.

Todos os Estados que realmente existem, os Estados reais, são corrompidos - embora de modo desigual. Enquanto o Estado perfeito é um só (e não pode deixar de ser assim, porque só pode haver uma constituição perfeita), os Estados imperfeitos são muitos, de conformidade com o princípio afirmado em um trecho do diálogo, segundo o qual "A forma da virtude é uma só, mas o vício tem uma variedade infinita" (445c) [...] uma vez proposta a forma ideal (que no livro oitavo é assemelhada à aristocracia), seguem-se as outras quatro corrompidas, de modo descendente; não há as-

sim alternância, mas uma decadência contínua, gradual, necessária, um movimento de cima para baixo até atingir o ponto inferior extremo, que é o último elo da cadeia. (BOBBIO, 1997, p. 45ss)

A forma de governo discutida por Sócrates, que vou abordar neste subitem, é a democracia, por ela ser amplamente reconhecida nos dias atuais, especialmente no Brasil, além de ser aquela que costuma possuir um líder carismático. Isso se deve ao fato de que líderes carismáticos frequentemente conseguem influenciar a opinião pública com sucesso, o que se alinha com o que é necessário a um político numa democracia, uma vez que este é um sistema de governo centrado no povo.

A democracia segue-se como forma degenerada da oligarquia que surge, segundo Platão, (557a) “quando após a vitória dos pobres, estes matam uns, expulsam outros, e partilham igualmente com os que restam o governo e as magistraturas” – ou seja, pela rebeldia popular, na tentativa de alcançar maior participação política e igualdade de direitos.

Vale ressaltar que a democracia ateniense, ou seja, da época de Sócrates, difere substancialmente da democracia que observamos na atualidade. Era um sistema de participação direta, em que os cidadãos tinham controle significativo sobre as decisões políticas. Nesta, os cidadãos se reuniam em uma assembleia ao ar livre para debater e aprovar propostas, ao contrário da democracia representativa, comum na contemporaneidade, em que os líderes eleitos tomam decisões em nome da população. Na democracia da época, a seleção de líderes ocorria principalmente por meio de sorteios, e apenas ocasionalmente por meio de eleições direcionadas a cargos públicos específicos, mas estes líderes não possuíam um poder centralizado como em sistemas presidencialistas ou parlamentares. Outras características da democracia ateniense são: a restrição do voto apenas aos cidadãos atenienses, ou seja, homens livres nascidos em Atenas e filhos de pais atenienses, excluindo mulheres, estrangeiros e escravizados; valores de igualdade perante a lei, no discursar e no poder.

Embora haja debates sobre a validade dessa democracia, dado que muitos eram excluídos do direito de voto, para a época, a possibilidade de participação de homens de diferentes classes sociais já representava um avanço significativo, e caracterizaria aquela forma de governo ateniense como democrática.

A distinção entre as formas de democracia poderia, inicialmente, parecer um desafio à análise de um líder carismático, uma vez que na democracia ateniense, a eleição não ocorria da maneira que estamos acostumados atualmente. No entanto, ambas as democracias compartilham um elemento em comum: a possibilidade de estabelecer o papel de um líder carismáti-

co mesmo na ausência de um mandato formal. É fato que o poder de um líder não eleito não seria tão proeminente quanto o de um líder eleito em uma democracia representativa, mas ainda assim, é concebível imaginar um líder carismático sendo "eleito" na democracia ateniense, mesmo sem ocupar oficialmente um cargo de poder, ao conquistar a obediência de outros cidadãos, como pretendo demonstrar a seguir.

Consideremos a Alegoria do navio, presente no livro VI.

Os marinheiros em luta uns contra os outros, por causa do leme, entendendo cada um deles que deve ser o piloto, sem ter jamais aprendido a arte de navegar nem poder indicar o nome do mestre nem a data do seu aprendizado, e ainda por cima asseverando que não é arte que se aprenda [...] e nem sequer percebem que o verdadeiro piloto precisa de se preocupar com o ano, as estações, o céu, os astros, os ventos e tudo o que diz respeito à sua arte. (PLATÃO, p. 272, 488b; p.273, 488c)

Na situação apresentada, imagine um navio cujo comandante não está em plenas condições para desempenhar suas funções. Existem diversas opções óbvias a serem consideradas pelo dono do navio: deixar que os marinheiros iniciem uma discussão para explicar por que um deles deveria assumir o comando da embarcação ou por que suas ideias para como conduzir o navio seriam as melhores; poderia escolher um líder com base em características distintas, como honra ou riqueza; ou poderia procurar alguém com experiência profissional em navegação. Nesta alegoria, o dono do navio se deixa levar pela primeira opção, e os marinheiros iniciam uma discussão entre si sobre qual rumo seguir, no entanto, dado que ninguém possui qualificações reais para tomar decisões corretas de navegação, o navio enfrenta o risco de naufragar. O aspecto crucial é que, devido à crença equivocada de que liderar o barco não exige estudo e prática, aquele indivíduo que realmente possui conhecimento sobre navegação – conhecimento do ano, das estações, do céu, dos astros e outros elementos – ou seja, o navegador, é desconsiderado, pois, sob essa perspectiva equivocada, ele é visto apenas como um admirador das estrelas.

Através dessa alegoria, Sócrates argumenta que no estado, assim como num navio, onde designa-se que diferentes pessoas têm o direito de participar do debate, muitas vezes não há um critério claro de qualificação para decidir quais os caminhos na política podem ser seguidos, e de maneira eficaz.

- Se você estivesse saindo em uma jornada pelo mar, idealmente, quem você gostaria que decidisse quem estaria no comando? Qualquer um ou pessoas informadas a respeito das regras e necessidades envolvidas em comandar um barco? - A última, é claro! – responde Adimanto. - Então, por que nós continuamos a pensar que qualquer pessoa pode ser capaz de julgar quem é o líder de um país? (PLATÃO apud. MULINARI, Filicio. 2020)

Sócrates não está, necessariamente, fazendo uma crítica à ideia de democracia em si, mas sim à forma como ela era e tem sido praticada. Seu argumento é que, como já vimos no tópico anterior, um governo ideal demandaria uma educação meticulosa e uma seleção criteriosa de líderes para assegurar que aqueles que governam possuam a sabedoria e a virtude necessárias para tomar decisões justas e sábias. Esse ideal não estava presente na democracia ateniense.

Comparando o estado democrático ateniense com o navio, inicialmente, nos deparamos com um líder que foi colocado em seu posto ao acaso, refletindo o sistema de sorteios comum na democracia da época. Era apenas uma questão de tempo até que esse líder fosse substituído, uma vez que não tinha a capacidade de organizar o navio. O dono do navio são os cidadãos, e dado que ignorantes, se deixam levar pelas escolhas feitas pelos marinheiros, e quem seriam os marinheiros? A resposta é clara: nada mais do aqueles que, entre os cidadãos, são políticos carismáticos, que disputam o poder, e bajulam o capitão, assim como o dono do navio, buscando ser o mais chamativo dentre todos, para disseminar seus pensamentos ou chegar ao leme, e, como Platão evidencia (p. 273, 488d) “ainda por cima, elogiam e chamam marinheiros, pilotos e peritos na arte de navegar a quem tiver a habilidade de os ajudar a obter o comando, persuadindo ou forçando o dono do navio; a quem assim não fizer, apodam-no de inútil.” E, como vimos, na maior parte das vezes, não possuem conhecimento algum de navegação, ou no caso da política, de governança, já que possuem como foco a conquista pelo carisma somente.

A tirinha a seguir (FIGURA 2) reflete de maneira irônica essa dinâmica do navio, em que o político foca em promessas vazias baseado na necessidade da população durante o período necessário para alcançar a poder, ao invés de buscar compreender como realmente poderia resolver os problemas pertinentes ao estado. A ironia está presente na constatação de que, apesar da repetição de promessas ineficazes, o personagem é consistentemente reeleito, evidenciando a funcionalidade da estratégia diante os cidadãos.

FIGURA 2 – Eleição



Fonte: www.brogdoftm.com.br (2021)

Ao considerarmos a democracia sob a perspectiva da alegoria do navio, torna-se evidente que esse sistema de governo possui como característica a instabilidade. Isso decorre do fato de que a democracia se fundamenta na opinião e no voto de indivíduos, os quais podem ser facilmente influenciados e mudar de direção a qualquer momento, sob a influência de líderes carismáticos, interesses particulares ou circunstâncias momentâneas.

Assim, intui-se que, Sócrates veria a democracia como um sistema potencialmente problemático, tanto no contexto da democracia direta quanto na democracia representativa. A democracia direta mantém sua instabilidade devido à facilidade com que as decisões podiam ser manipuladas, enquanto na democracia representativa, os eleitores também poderiam ser influenciados por características irrelevantes ao escolher um candidato, como a habilidade retórica, ou seja, um elemento demagógico.

A demagogia era uma característica proeminente da época de Sócrates, especialmente devido à presença dos sofistas (pessoas que delegavam em seu próprio interesse e influenciavam os votantes a votar conforme o seu belo discurso). A prática destes envolvia o uso do carisma para conquistar o apoio popular e ascender ao poder, dessa forma, aqueles que possuíam atributos carismáticos tinham uma vantagem sobre os outros, uma vez que podiam facilmente persuadir aqueles menos informados em prol de seus próprios pensamentos.

Sócrates sabia o potencial de pessoas que buscando ser eleitas poderiam explorar os nossos desejos, ele nos propôs, então, a imaginar o seguinte debate: Compare um debate de um médico com um vendedor de doces. O vendedor de doces atacaria seu oponente dizendo algo mais ou menos assim “Vejam só esse médico, ele dá remédios ruins e amargos para vocês tomarem, e proíbem vocês de comerem o que querem, ele jamais servirá um banquete delicioso, cheio de maravilhas e guloseimas, como eu servirei.” Então, Sócrates propõe que pensemos numa possível resposta do médico [...] “Eu causo problema para vocês, mas sempre pensando no seu bem.” Isso causaria uma revolta nos eleitores. [...] Achamos que a democracia é algo positivo, válido e inato, mas nos esquecemos que uma democracia para ser real, efetiva e saudável só é possível reafirmando a importância da educação e da busca pela sabedoria, do aperfeiçoamento da habilidade democrática. Como resultado disso, acabamos elegendo muitos vendedores de doces e pouquíssimos médicos. (MULINARI, Filício. 2020)

Inclusive, alguns sofistas, que seriam os “vendedores de doce” da presente citação anterior, eram contratados não em seu próprio interesse, mas para discursar e defender os interesses de pessoas influentes, como fazem hoje alguns atores e as agências publicitárias em época de campanha eleitoral, que supostamente acreditamos serem isentos de opinião.

É importante destacar que, em sua totalidade, o pensamento de Sócrates não me parece um pensamento elitista – o que poderia ser dito, já que, ele crítica o papel da população em atos democráticos – pelo contrário, o filósofo sempre criticou a maneira pela qual a democracia ateniense dividia os cidadãos. A questão central é que, apesar de difícil, devemos lutar para que, se houver um governo em que todos podem votar, esse direito de voto seja acompanhado de educação, promovendo uma percepção crítica entre os eleitores e incentivando a busca pela verdade. Isso, de fato, tornaria o governo mais igualitário, impedindo que alguns indivíduos enganassem outros em benefício próprio.

3.2 A PASSAGEM A TIRANIA

Parte do por que a democracia é tão criticada por Sócrates se deve ao fato de tal estar a um passo de sua forma degenerada, a tirania. A tirania é apresentada, em *A República*, como a pior das formas de governo, uma vez que se baseia nos interesses absolutos de um único indivíduo, que não está sujeito a moral e a ética – por exemplo, o tirano “está sempre a suscitar guerras, a fim de o povo ter necessidade de um chefe” (PLATÃO, p. 402, 566e), ou seja, muitas vezes não hesita em recorrer à mentira, à uma falsificação da realidade, se for preciso para consolidar seu poder, em detrimento da verdade, que é tão importante para o filósofo.

O processo para a consolidação deste poder, ocorre da seguinte maneira: Em um subtópico anterior, havíamos concordado que a democracia é inerentemente instável – o que se deve, em parte, à multiplicidade de opiniões que se entrelaçam e mudam com facilidade, es-

pecialmente porque os cidadãos muitas vezes não possuem uma base sólida em estudos políticos, e a líderes inexperientes chegarem ao poder, sendo incapazes de orientar aqueles que representa. Em um governo marcado por tal instabilidade – no qual não se tem parâmetros sobre o que é preciso numa cidade – é natural, que uma parte das pessoas, em algum momento, sintam que a democracia de seu estado é falha, já que seus anseios não estão sendo atendidos. É aí que surge aquele que se apresentará como messias (aquele que salvará o povo do mau), entretanto, este será na verdade um líder tirânico.

- Que bem propõe a democracia? - A liberdade. Num Estado governado democraticamente, é a liberdade que verás proclamada como seu maior bem; por isso, em tal Estado só pode viver quem for liberal por temperamento. - Com efeito é o que se ouve com muita frequência. - De fato, é o que te queria dizer. Não é talvez o desejo insaciável desse bem, em troca do qual tudo o mais é abandonado, que determina também a deformação dessa forma de governo, preparando o caminho para a tirania? - De que modo? - Penso que quando um Estado constituído democraticamente, com sede de liberdade, está em poder de maus governantes, e tão inebriado dessa liberdade que a usufrui além da medida, se os que o governam não são extremamente complacentes, permitindo a mais absoluta liberdade, o povo os tratará como réus, punindo-os como traidores e oligarcas. (PLATÃO apud. BOBBIO, 1997, p. 50)

Esse líder tirânico, muitas vezes referido como um "messias", é o que Sócrates chamaria de demagogo (líder carismático; sofista). Ganhando apoio de uma parte da população descontente, algo que tende a existir em qualquer sociedade democrática, poderá difundir suas ideias. Esse político promete resolver os problemas e satisfazer os desejos de todos, algo do que as pessoas são facilmente convencidas, devido à sua habilidade inigualável na oratória e ao carisma que apresenta.

Nos primeiros dias e nos primeiros tempos, acaso não se sorri e cumprimenta toda a gente que encontrar, e não declara que não é um tirano, amplas promessas em particular e em público, liberta de dívidas, reparte a terra pelo povo e pelos do seu séquito e simula afabilidade e doçura para com todos? (PLATÃO, p. 402, 566e)

O demagogo, uma vez que ascender à liderança por pedido popular, segundo a teoria de Sócrates, buscará o apoio de grupos radicais para desestabilizar as normas e leis que sustentam a democracia. Neste tempo, é comum que as liberdades individuais sejam sacrificadas sob a justificativa de manter a estabilidade do governo – para evitar que ocorra um retorno a "desestabilização" caso se permita que todas as vozes da população sejam ouvidas. E, principalmente, serão minadas gradualmente as instituições democráticas para consolidação do poder do líder.

Em Atenas, haviam duas principais instituições democráticas: a Eclésia (assembleia) e a Bulé (conselho). A Bulé era constituída por 50 membros de cada Demo – subdivisões semelhantes a bairros. A função da Bulé era principalmente preparar e organizar as questões que

seriam ou já haviam sido debatidas na Eclésia, que era composta por todos os cidadãos que tinham o direito de participar, de acordo com os critérios estabelecidos – ser um homem ateniense, de pais atenienses. Na Eclésia, todos esses cidadãos tinham a oportunidade de discutir e votar diretamente em questões políticas, incluindo a aprovação de leis.

Embora Sócrates não fosse um defensor da democracia, logo, seja razoável supor que suas críticas se estendessem também às suas instituições – que envolviam uma participação popular frequentemente desinformada, o que contribuía para a instabilidade democrática – a questão central aqui não reside tanto na eventual abolição das instituições democráticas, que é algo razoável para Sócrates, mas sim no perigo de que, minando estas instituições e a liberdade popular, cheguemos a algo ainda pior, que é a tirania.

Na verdade, Platão - como todos os grandes conservadores, que sempre veem o passado com benevolência e o futuro com espanto - tem uma concepção pessimista da história (uma concepção "terrorista", como diria Kant). [...] Tendo vivido na época da decadência da gloriosa democracia ateniense, examina e denuncia a degradação da pólis: não o seu esplendor. (BOBBIO, 1997, p. 46)

A tirania é o resultado final desse processo, onde, tendo ganhado a confiança da população, e num movimento anti democrático, o líder estabelece “a mais completa e mais selvagem das escravaturas” (PLATÃO, p. 396, 564a) – na tirania, o governante exerce um controle ilimitado, frequentemente governando de maneira arbitrária e opressiva, a liberdade e a justiça são quase totalmente suprimidas, e a sociedade sofre sob um regime de terror, já que vive cercada por regras.

Não me surpreende que isso tenha início numa democracia, já que, assim como vimos, os cidadãos democráticos, ao menos da democracia ateniense, não possuem habilidade política decisória, logo, estão mais propensos a ceder a movimentos populistas (que apelam para o apoio do povo – da grande massa) iniciados por líderes tirânicos, que se mostram confiantes de possuírem uma habilidade para governar.

Interessante observar os resultados das eleições. Como algumas figuras conseguiram se eleger é assombroso. É claro que assombroso para mim, porque para uma boa parte das pessoas foi sensacional. E é aí o ponto mais curioso da democracia. Ela é burra e não funciona. [...] Mais uma vez digo, a democracia é o que temos de melhor. Ou de menos pior. Mas a cada eleição eu percebo que precisamos urgentemente repensar tudo. [...] Só observo que o povo, e eu faço parte dele, não é bem informado, não tem boa educação e, pelo número de abstenções, também não está muito interessado em política ou pelo menos está desestimulado com ela. Aí esse povo é que decide quem vai governar? Tenho dúvidas. Não faço a menor ideia de qual seria a solução, deixo isso para aqueles bem mais aprofundados. (PORCHAT, Fábio. 2016)

A fala de Porchat pressupõe o que é dito por Sócrates de forma acessível, precisamos nos especializar em política, principalmente através daqueles que tem trabalhado com o tema de forma profunda, entretanto, enquanto isso não acontece, já que, é possível observar que a maioria não tem nenhum conhecimento sobre o que é bom ou mau, justo ou injusto, para que possam escolher adequadamente quais ações seguir, ou ao menos para eleger um líder qualificado, viveremos sofrendo de uma desordem de opiniões, que é passível da recepção de um tirano, na figura de um aclamado líder carismático, que supostamente seria o salvador e garantiria a organização. O problema é que, para esta organização ele justificará um governo autoritário.

A República é também uma boa demonstração do fato de que, por muitas vezes um tirano, apesar de quando estiver no poder, normalmente aplicar violência, não chega ao poder através desta, mas através de uma eleição.

4 A ALEMANHA NAZISTA E HITLER, UM LÍDER CARISMÁTICO

Em *Como a arte pode matar milhões?*, vídeo do canal *Normose*, o apresentador nos relembra um governante: Este líder é o único que pode nos salvar do mal eminente dos governos corruptos; e ele só pode ser bom, já que discursa tão bem em favor do estado; tem soluções governamentais tão simples, que são perfeitas para resolver a crise atual; e este, apesar de discursar contra algumas minorias, como tem tanto carisma, não poderia fazer algum mal em efetivo e, só fará o necessário para salvar o país. Ele poderia estar falando da visão que temos de boa parte dos políticos atuais, mas, caso ainda não tenha ficado claro, ele está falando de como a população enxergava Hitler.

Para o presente trabalho, não se faz necessário uma explicação detalhada da ascensão de Hitler e de como a população chegou nestas conclusões acerca deste líder, mas apresentarei os detalhes mais importantes, com base no artigo *Dominação carismática: um estudo sobre a liderança de Hitler na ascensão do nazismo* (2020), no vídeo *A ascensão de Hitler* (2020) e no livro *A revolução Alemã – 1918-1023* (2005).

A Primeira Guerra Mundial chegou ao seu fim. A Alemanha aceitou render-se e assinar o Tratado de Versalhes. Nesse acordo, o país foi responsabilizado integralmente pelo conflito, resultando em medidas drásticas, incluindo a redução de seu exército, a perda de territórios e a imposição de dívidas financeiras a serem pagas a outras nações. Essa situação representou um profundo constrangimento para a Alemanha, gerando grande indignação entre a população, que passou a acreditar que o governo não estava agindo de forma adequada para proteger os interesses nacionais.

Em maio de 1919, o Tratado de Versalhes chegava ao conhecimento da opinião pública na Alemanha. O país reagiu com indignação e espanto às duras condições impostas pelos países vencedores. [...] A Alemanha perdia um oitavo de seu território (entre outras regiões, a Alsácia-Lorena retornava à França) e um décimo de sua população; perdia as colônias africanas; era proibida a união com a Áustria; o Exército limitado a cem mil homens (em vez de quatrocentos mil), o alto-comando dissolvido, o recrutamento proibido; não podia fabricar material bélico; exigia-se a extradição dos “criminosos de guerra” para serem julgados por tribunais internacionais; a margem esquerda do Reno seria ocupada pelos Aliados durante 15 anos e desmilitarizada sob sua supervisão. (LOUREIRO, Isabel. 2005, p.113s).

Numa tentativa de revitalizar a Alemanha no pós-guerra, instaura-se a República Weimar, nome pelo qual ficou conhecido o governo da Alemanha após a queda da monarquia e a adoção de uma democracia representativa. No entanto, a situação continuou a se deteriorar, devido à crise econômica que assolava o país.

De acordo com o documentário *De Caligari a Hitler*, baseado no livro de mesmo nome do autor Siegfried Kracauer, o conteúdo cinematográfico da época – indústria que crescia a todo vapor, visando ocupar o momento de lazer da população – é uma digna prova desta decadência alemã. A tese de Kracauer era a de que os filmes, que retratavam temas como o caos social, a instabilidade psicológica, e o estabelecimento desenfreado de líderes tirânicos, eram um reflexo do quão caótico e perdido estava o pensamento populacional, e o quão preocupante foi este período.

O nervosismo das personagens e também a revolta política, é uma reação às mortes em massa da primeira guerra mundial. E você realmente vê todos os mortos assombrando a tela do cinema como aparições na mente das pessoas. Então podemos dizer que a tela se torna o processo de pensamento coletivo de uma nação inteira. (SUCHSLAND, Rüdiger. 2014)

Se aproveitando desta instabilidade, e da insatisfação popular com o fato de a Alemanha ter perdido a guerra – pelo fato de que o envolvimento da Alemanha na guerra era visto por muitos como uma oportunidade de conquistar glória e demonstrar a “suposta superioridade germânica, que exaltava a “comunidade” tradicional” (Loureiro, 2005, p.26) – Hitler, assim como a maioria dos nacionalistas, passaram a disseminar a narrativa de que o Império Alemão foi derrotado devido à traição de grupos não nacionalistas, como judeus e comunistas, buscando transformar este grupo de pessoas em inimigos comuns da nação.

Mais uma vez, os militares se esquivavam da responsabilidade pela capitulação, jogando-a nas costas dos “civis”. A nova República assumia assim a pesada herança da derrota, e pior: os políticos, sobretudo os de esquerda, eram postos sob suspeição – a famosa lenda da “punhalada pelas costas” (judeus e marxistas foram acusados de destruir dentro do país o esforço de guerra, enquanto o Exército, fora, continuava vencendo) – pelas forças reacionárias (LOUREIRO, Isabel. 2005, p.62).

Inclusive, na tentativa de encontrar provas que fortificassem esta narrativa nacionalista da existência de um perigo imanente, Hitler investigava ações, em nome do exército, de diversos partidos políticos, com especial interesse em um deles, que ele acreditava ser comunista devido à utilização do termo ‘trabalhadores’ no nome, que geralmente estava associado aos partidos de esquerda. No entanto, Hitler ficou surpreso ao descobrir que o ‘Partido Alemão dos Trabalhadores’ era, na verdade, um partido da direita política. “Fundado em Munique o então Partido era um dos pequenos partidos nacionalistas que nasceram no período em que a Alemanha se via devastada e a procura de algo ou alguém que pudesse tirá-la de tal situação.” (MAIOR et al, 2020, p.13) Esse encontro inesperado com um partido que tivesse opiniões tão semelhantes à sua – princípios nacionalistas extremos – o levou a se aproximar da política, abandonando o exército e se tornando um aliado do partido.

Hitler tinha o que parecia ser um “dom divino” para a política. Imagem criada por seus discursos, em que tal dava a entender que compreendia a dificuldades populacionais – “um discurso que colocava a Alemanha como centro e pregava a união” (MAIOR et al, 2020, p.17) –, e no qual falava com tanta confiança sobre como todas as dificuldades poderiam facilmente ser resolvidas por ele. Foram estes discursos que fizeram com que, dado o tempo, Hitler se tornasse o líder do partido ao qual havia se aliado – não concretamente, já que isso vem a ocorrer apenas após a sua prisão, mas considera-se para esta colocação que todos do partido já o consideravam como líder –, e que a partir daqui ganhava o nome de ‘partido nacional socialista dos trabalhadores alemães’, o partido nazista.

Embora o nome do partido contivesse ‘socialista’ e ‘trabalhadores’ no nome, na realidade, ele não tinha nenhuma afinidade com o socialismo. Pelo contrário, eles se opunham firmemente a ideologia Marxista, e sua verdadeira intenção era a conquista dos trabalhadores, adotando os termos utilizados pela esquerda.

Duas das estratégias foram a inclusão do termo “socialista” no nome do seu partido – usada para distinguir dos demais partidos e ideologias da época – para atrair o apoio dos trabalhadores alemães – público em que o líder confiava a reestruturação do Estado – e o uso do vermelho em toda comunicação visual do partido pelo fato de ser uma cor viva e de fácil notoriedade (EVANS apud. MAIOR et al, 2020, p.15)

O partido cunhou como principais objetivos: recuperar todo o território Alemão e acabar com o tratado de Versalhes – ideias que já eram comuns dentro da direita, mas Hitler buscava tornar ainda mais populares.

Para alcançar esse “fama”, uma das estratégias adotadas por este líder foi manter suas grandes falas em público. No entanto, com o adicional de que, passou a incitar também protestos radicais que inflassem as ideais nacionalistas. Foi assim que, no ‘putsch da Cervejaria’, uma dessas manifestações violentas, e claramente anti democráticas – já que Hitler buscava ameaçar os governantes – o líder do partido nazista foi preso por tentativa de golpe. No entanto, a prisão foi completamente inútil para frear o governante, pois, além de ter tido apenas nove meses de cárcere, Hitler escreveu uma autobiografia durante sua prisão – *Minha Luta* – que utilizaria, quando saísse, para tornar os ideais nacionalistas ainda mais populares.

Enquanto isso, a extrema direita na Baviera, liderada por um grupo de nacionalistas, que incluía oficiais do Exército, bem como o líder do Partido Nazista (NSDAP), Adolf Hitler, fazia planos para marchar sobre Berlim. Na última hora, nos dias 8 e 9 de novembro de 1923, Hitler perdeu o apoio de seus aliados mais poderosos na hierarquia bávara, o golpe nazista ficou isolado, sendo rapidamente liquidado pelo Exército. Saldo: 14 mortos, vários presos, entre eles Hitler, que recebeu uma pena mínima de cinco anos, da qual só cumprirá alguns meses. O futuro ditador provei-

tará essa confortável estada na prisão de Landsberg para redigir o indigesto *Mein Kampf* (Minha luta). (LOUREIRO, Isabel. 2005, p. 163s)

Assim, Hitler retornou em poucos meses a política, com a desculpa de que respeitaria a democracia, além de que, estando ainda mais preparado politicamente, já que havia refletido muito sobre o assunto em seus nove meses de prisão. E, “quando saído da prisão, Hitler inicia aquilo que seria mais tarde conhecida como campanha Nazista” (MAIOR et al, 2020, p.14). A campanha nazista foi o movimento eleitoral realizado por Hitler que tinha como foco lembrar o fato de a Alemanha seguir em uma profunda crise econômica com governos que não eram da direita, para que ele, como líder do partido nazista, pudesse se colocar como salvador da pátria Alemã.

Um dos principais meios usados por Hitler para avançar na campanha, foram, mais uma vez, os seus discursos, que eram feitos onde quer que fosse, e seguiam mais ou menos sempre o mesmo escopo: demonstrar-se como compadecido com a população – “Quando identificamos na parte de sua história que este era apenas um soldado que lutou na frente da guerra pode-se concluir que: se saído do povo então como consequência ele entenderia o povo” (MAIOR et al, 2020, p.17) –, e prometer melhoras radicais, partindo da deterioração de todas as medidas propostas pelos que Hitler denominava "inimigos" da Alemanha (comunistas e judeus, principalmente). A principal intenção era destruir ainda mais a imagem de um grupo de pessoas e criar uma sensação de urgência para uma revitalização da Alemanha, e também, de que ele se parecesse com um líder destemido, decidido e comprometido o suficiente para que acreditassem que ele pensaria em políticas de governo eficazes a curto e longo prazo, mesmo que ele não houvesse falado em nenhuma proposta em efetivo. Ou seja, com seus discursos, Hitler conseguia intitular um sentimento de temor na população, sugerindo que, sem uma mudança radical na política estabelecida, a Alemanha continuaria em crise. Além do que, fez com que a população acreditasse que somente ele poderia liderar essa mudança, pois ele era quem havia identificado e revelado o mau que assolava a nação.

Dessa forma, Hitler baseava seus discursos utilizando-se de mecanismos psicológicos, falando o que o povo queria e precisava ouvir, e se reafirmava quanto às suas ações, fazendo com que as utilizasse como ferramenta para convencer as pessoas de sua capacidade, para convertê-las de que, aquilo era capaz apenas graças à seus feitos, que acreditassem nele por meio dessa fé, que é fundamental para que as pessoas o tenham como “O herói”, “um messias”, que irá resolver todos os problemas dos quais a Alemanha se encontrava no pós guerra como: os altos índices de fome, miséria, hiperinflação, fechamento de fábricas além das inúmeras barreiras que amarravam e limitavam a Alemanha com o Tratado de Versalhes, já citado no presente artigo, por ser um dos fatores viriam a trazer ascensão de Hitler, dado que este apareceu com mais força quando integrou movimentos de insatisfeitos com o tratado gerando sua prisão (MAIOR et al, 2020, p.18).

Hitler optou também por investir de forma massiva na propaganda, utilizando técnicas que o retratassem de forma impactante – como de luzes que fizessem seu rosto brilhar, com cores chamativas e a representação de Hitler como um guerreiro – o que reforçaria o líder como o herói destinado a libertar o povo do sofrimento causado pelos inimigos – que eram frequentemente retratados nas sombras e caracterizados como figuras ameaçadoras e horrendas. Adicionalmente, a imagem de Hitler foi aprimorada com elementos nacionalistas e que remetiam a um futuro melhor, assim como com símbolos, em exemplo, a suástica. Estes símbolos simples e chamativos, visavam ser parte da criação de uma identidade visual associada ao nazismo, que facilmente pudesse marcar os eleitores – mesmo que o vissem rapidamente – para que se lembrassem do partido no momento da votação. Ou seja, a partir da propaganda nazista, Hitler buscava criar uma narrativa visualmente boa de seu partido, para solidificar o apoio à sua liderança.

FIGURA 3 – Propaganda nazista



Fonte: (547) A ASCENSÃO DE HITLER || VOGALIZANDO A HISTÓRIA - YouTube (2020)

Estes dois artifícios foram essenciais para que Hitler se tornasse popular e para que, dado o tempo, o partido nazista tomasse cada vez mais cadeiras no congresso – estando “em segundo lugar atrás dos social-democratas.” (Loureiro, 2005, p.167). Pois, mesmo aquele que não se interessava por política, via em Hitler alguém que, como de discurso tão corajoso e uma imagem que soa bondade, poderia salvar o país.

Mas, mesmo com o amplo apoio que Hitler tinha na época em que se candidatou à presidência, ele acabou perdendo a eleição. O vencedor naquele ano (1925) foi Paul von Hindenburg. Entretanto, a eleição de Paul não significou o fim de Hitler e do partido nazista, já que, Hindenburg, sob pressão de seus colegas políticos e na tentativa de agradar uma parte da população, algum tempo depois, nomeou Hitler como chanceler – cargo destinado a supervisionar e influenciar as políticas de governo.

Depois do breve interregno do general Schleicher, Adolf Hitler foi nomeado chanceler em 30 de janeiro de 1933. Mesmo assim, os líderes social-democratas não reagiram, pensando que nas próximas eleições dariam o troco. Os comunistas por sua vez também não tinham consciência do que se passava; para eles, todos os governos anteriores já eram fascistas. (LOUREIRO, Isabel. 2005, p.168)

Evidentemente, como chanceler, Hitler não detinha uma força tão grande quanto a do presidente. Porém, no mesmo ano em que Hitler foi nomeado, o parlamento alemão foi incendiado. Ainda não se sabe a verdade sobre o acontecido, porém, por falta de provas contrárias, o partido nazista utilizou de sua influência para culpabilizar o partido comunista. E o ato incendiário foi suficiente para que Hindenburg, mesmo em estado de maior poder que Hitler, fosse convencido pelo chanceler a suspender características essenciais da democracia, como a liberdade de imprensa e o sigilo dos correios, sob o pretexto de que era necessário ter controle máximo sobre a opinião para manter a ordem e evitar que a Alemanha retornasse aos graves problemas do pós guerra, supostamente causados pelos comunistas.

Foi assim também que, gradualmente, as instituições democráticas – o *Reichstag* (o Parlamento) e o *Reichsrat* (“Conselho do Reich” segundo Loureiro) – perderam parte de seu poder, para que o presidente, bem como o Chanceler, pudessem controlar totalmente, e com mais liberdade, as decisões relacionadas ao estado.

Mas o que chamava a atenção na constituição de Weimar era o famoso artigo 48, introduzido a conselho de Max Weber. Ele dava ao presidente do Reich (diretamente eleito pelo povo pra um mandato de sete anos e podendo ser reeleito) poderes excepcionais “caso a segurança e a ordem públicas sejam gravemente afetadas ou ameaçadas no Reich alemão”, o que significava poder decretar o estado de sítio, suspender os direitos fundamentais, instituir tribunais de exceção, dissolver o *Reichstag*, autorizar o chanceler a governar por decretos-lei. [...] Segundo o historiador Pierre Broué, todas as disposições democráticas da Constituição não passavam de cláusulas secundárias para aniquilar “toda tentativa revolucionária” [...] Foi no quadro dessa Constituição apresentada na época como “a mais democrática do mundo” que Ebert decretou o estado de sítio no final de setembro de 1923 – e que mais tarde se instaurou a ditadura de Hitler. (LOUREIRO, Isabel. 2005, p. 112s)

E, quando Paul von Hindenburg morreu (1934), Adolf Hitler, que já havia consolidado um amplo poder de decisão, e infiltrado seus apoiadores em posições-chave em todo o sistema, se declara líder supremo da nação alemã e acumula os cargos de Chanceler e Presidente,

tornando-se o líder indiscutível da Alemanha. No momento em que ascende, pode se dizer que há a passagem evidente entre a democracia e a tirania, pois Hitler detinha em mãos agora um poder absoluto.

Entre as primeiras ações do governo, estava o estímulo a obras públicas, o desenvolvimento da indústria pesada e a produção de armamentos, impulsionando assim o mercado de trabalho. Estas tinham como objetivo demonstrar o compromisso do nazismo com a revitalização de uma Alemanha economicamente próspera.

Assim, com a liderança de Hitler, a Alemanha passou sair da paralisação que ocorreu, a partir do ano de 1919, pós Guerra, o início de um processo de mobilização no intuito de reconstruir a Alemanha e retomar o poder que detinha. Sendo liderado por apenas um governante, Hitler, a Alemanha recebeu grande apoio das indústrias, esse fator foi de suma importância para que o país reagisse, juntamente com o rearmamento (TOTA, 2009). Foi pela ideia de restabelecimento alemão, que Hitler ganhou apoio dessas indústrias fato que possibilitou algumas mudanças econômicas e estruturais no país como a estabilização da moeda, paralisação nas taxas de desemprego e construção de obras civis. (MAIOR et al, 2020, p.16)

Em contraponto, o movimento nazista colaborou fortemente para a “perpetuação do preconceito e da segregação” (MAIOR et al, 2020, p.20). O fato é que, com a ascensão do governo de Hitler, as mulheres perdem boa parte dos seus direitos, e os inimigos políticos são levados para os primeiros campos de concentração, uma espécie de prisão em estado precário, onde grande parte seriam mortos. Mesmo assim, para muitos que não faziam parte das minorias perseguidas, Hitler não estava fazendo nenhum mal em efetivo, pelo contrário, a segregação e a violência pareciam justificadas. Isso ocorre, pois, eram apresentadas todos os dias – por meio das mídias de propaganda da época, como o "rádio do povo" (FIGURA 4) e o cinema –, que estas medidas eram necessárias para garantir um retorno a uma Alemanha anterior a guerra, que não dava espaço para “traidores da nação” – este grupo de pessoas que, segundo Hitler, além de ocupar o emprego e os terrenos das famílias Alemãs, em nada ajudavam o estado. Coisa que teria facilitado a consolidação do poder de Hitler até os fins trágicos da segunda guerra mundial.

FIGURA 4 – “Rádio do povo”



Fonte: Bundesarchiv Koblenz

Observando todo este processo para a ascensão nazista, há uma conclusão óbvia para mim, a de que as lições de Sócrates sobre as formas de governo ressoam na Alemanha, e não estão fadadas a Atenas. Aqui faço referência, mais especificamente, à sua teoria acerca da inevitável passagem da democracia à tirania, quando, nesta primeira, uma parte da população se encontra desamparada de um governo que supra suas necessidades – o que é o caso majoritariamente na Alemanha, devido aos problemas do pós guerra – e venha a surgir um líder que prometa, com confiança, agradar e orientar a população de forma geral – como é o caso de Hitler.

Agora cabe questionar outra colocação de Sócrates, a de que o líder que faz esta passagem seria um demagogo, ou o que no presente trabalho chamo por ‘político carismático.’ Poderia ser duvidosa a posição de Hitler como político carismático, já que, chegou ao cargo de presidente não por um processo democrático livre, mas num contexto em que frequentemente empregava medidas violentas, tornando desafiador distinguir entre o apoio a este que foi voluntário – o apoio pela fé nas habilidades do governante – e o apoio baseado no medo da repressão. Porém, cabe dizer que nem todo o governo nazista foi baseado na violência, na realidade, como vimos, Hitler se empenhava em associar a sua imagem, nas propagandas e em seus discursos, à uma extrema bondade e coragem. Além do que, durante muito tempo de campanha, Hitler não tomava como seus os atos violentos; hoje sabemos que foram perpetrados em seu nome, mas na época acreditava-se que não. E, mesmo neste período – em que não

havia violência explicitamente associada a Hitler –, o líder já possuía amplo apoio, se não, nem teria chegado ao cargo de chanceler.

Portanto, embora seja inegável que a violência e a repressão tenham sido aspectos significativos do regime nazista, é importante reconhecer que, houve outros elementos em sua liderança – mencionados ao longo deste trabalho – que desempenharam um papel fundamental na conquista do apoio popular, mesmo antes de Hitler alcançar o poder. Entre elas está: a utilização da oratória como uma estratégia fundamental de campanha eleitoral, a habilidade de criar um inimigo ou um problema para unir o público em torno de uma causa, a exploração dos sentimentos de revolta da população como meio de se retratar como um herói salvador, e, acima de tudo, a notável falta de ênfase em argumentos racionais e evidências em suas campanhas, pois ele confiava principalmente em seu carisma para conquistar o apoio popular. Esses elementos, com destaque especial para o último, indicam, que Hitler buscava estabelecer uma dominação carismática – quando as pessoas desenvolvem uma fé no líder como salvador. O que é também a estratégia sofista, que são o exemplo mais antigo de políticos carismáticos de que tenho conhecimento. Logo, é sim possível estabelecer que Hitler é um líder carismático.

Podemos analisar também, que, a dominação trazida por Hitler, não trata-se de uma dominação legal, ela não advém apenas de leis e regras, onde os que o seguem o fazem apenas por sua posição hierárquica e seu poder como chefe de Estado, sua dominação vem antes de se tornar o líder, antes de assumir esse posto, Adolf Hitler já possuía “o dom divino”, e graças à isso, que se torna o *führer*, fazendo com que a sociedade seguisse e aceitasse suas vontades exercidas, pelo fator de as pessoas, possivelmente, enxergavam sua figura como abençoado por essa graça celestial, da qual, se faz necessário ter fé no indivíduo carismático, não necessariamente uma fé religiosa, ou na entidade religiosa da qual concede tais poderes, mas sim no indivíduo em si, de que ele será capaz de realizar tudo que está sendo prometido, e que ele irá fazer a Alemanha se reerguer. (MAIOR et al, 2020, p. 17)

Assim, Hitler é um grande exemplo de como mesmo numa distância de séculos, a democracia sempre estará fadada ao fracasso, se dermos espaço para um político carismático, ao invés de optarmos por uma análise crítica dos candidatos. Pois, é assim que colocamos no poder alguém que é desqualificado para manter um governo que deveria visar o bem estar de todos.

E, por mais que, atualmente, possa parecer tolo e tenhamos ódio daqueles que apoiaram Hitler, já que, ele se trata do caso extremo – em que, todo tipo de preconceito tenha ficado claro – não é evidente que não venhamos a cair no mesmo erro. Logo, o que é preciso, na realidade, não é julgar, mas estar atento, pois, como enfatiza o apresentador do canal *Normose* (2022) citando frase que teria ficado famosa através de uma das propagandas da Folha de S.

Paulo “A cadela do fascismo está sempre no cio”. Eu completo dizendo que: Se a democracia é memo passível de um governo tirano quando – independente da forma em que ocorre as decisões do povo (seja direta ou indiretamente) – surge um líder carismático, ou seja, capaz de influenciar a população através de sua personalidade, Sócrates estaria certo também sobre a necessidade de se armar de conhecimento crítico, para que a população identifique atitudes autoritárias ou enganosas nestes líderes.

4.1 A OBRA DE ARTE NA ERA DE SUA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica é um artigo de Walter Benjamin – um autor que está envolvido em várias vertentes, entretanto, é associado mais frequentemente a correntes como o marxismo, por criticar o sistema capitalista, e a teoria crítica, por suas reflexões sobre as manifestações culturais de massa como forma de alienação da sociedade moderna, que é parte do que veremos no presente trabalho.

No artigo em questão, a análise concentra-se principalmente no aspecto estético, sendo realizada de forma abrangente e minuciosa. No entanto, não pretendo me aprofundar na análise em sua totalidade, mas sim nos conceitos derivados dela. Estes serão cruciais mais adiante para a nossa compreensão e reflexão sobre o funcionamento de uma campanha eleitoral, especialmente no que diz respeito à utilização da arte – e com arte quero dizer tudo o que afeta os nossos sentidos (como o som, a arquitetura, o cinema, posters, entre outros) , e não a arte em uma forma específica – como uma ferramenta política por líderes carismáticos, em particular no contexto do nazismo, que o autor teve a oportunidade de observar de perto durante sua ascensão.

O primeiro conceito apresentado é nada mais do que o de ‘reprodutibilidade técnica’.

A obra de arte foi em princípio sempre reproduzível. Sempre foi possível a pessoas imitar aquilo feito por pessoas. Tal procedimento de copiar foi também realizado por estudantes como treino na arte, por mestres para a disseminação de suas obras e finalmente por terceiros cobiçosos. Em contrapartida, a reprodução técnica da obra de arte é algo novo, que se realiza na história de modo intermitente, em impulsos largamente espaçados, mas com intensidade crescente. Com a xilogravura, as artes gráficas tornaram-se pela primeira vez tecnicamente reproduzíveis; (BENJAMIN, 1936, CÁP II)

A ‘reprodutibilidade técnica’ dentro das artes é um processo que vai além da reprodutibilidade puramente, em exemplo, como a cópia manual de um quadro. O conceito se refere à

capacidade, devido à tecnologia, de reproduzir obras de arte em quantidades inimagináveis. Ou há o caso limítrofe, do cinema, em que não há original, tudo é cópia.

FIGURA 5 – A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica



Fonte: teorizandoateoreca.blogspot.com (2012)

O exemplo utilizado por Benjamin como o primeiro dentre estes os que alavancaram a reprodutibilidade técnica é a Xilogravura, que é, de forma resumida, o processo em que o artesão grava na madeira a imagem que pretende reproduzir, utilizando-a como matriz e possibilitando a reprodução de diversas imagens idênticas sobre papel ou outro suporte adequado, com uma facilidade muito maior do que se ele tivesse que fazer obra por obra.

Com isso, não há dúvida de que as obras serão muito mais acessíveis, pois, considerando que serão reproduzidas em maior quantidade e em menor tempo, é possível que sejam mais baratas ou até mesmo expostas em locais de fácil acesso.

Este processo é significativamente diferente do da arte como o era antigamente, em que as obras carregavam uma “aura” – a qualidade de ser única, ao ponto que, para ter acesso novamente a ela, teríamos que acessar a nossa memória.

A singularidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. É claro que essa tradição mesma é sem dúvida algo absolutamente vivo e extraordinariamente mutável. Uma antiga estátua de Vênus, por exemplo, estava em um contexto distinto de tradição entre os gregos, que a utilizavam como objeto de culto, e entre

os clérigos da Idade Média, que viam nela um ídolo malfazejo. O que, porém, confrontava a ambos do mesmo modo era sua singularidade; em outros termos: sua aura. (BENJAMIN, 1936, CÁP V)

Assim, a perda da aura é um possível marco para a passagem histórica da arte, de uma tradição antiga – em que a arte era autêntica, e facilmente distinguível de suas poucas cópias – a uma realidade moderna – em que a arte passa a ser vista, pelo sistema capitalista, como uma mercadoria, já que pode ser facilmente reproduzida. E antes o que parecia subentendido, que é o fato de a obra não ser arte somente quando vista, se torna irreal, já que a relação entre arte e público se torna algo essencial na era da reprodutibilidade técnica. Pois, neste caso a arte é feita para ser vista.

Considerando esta nova forma de relação entre público e arte, Benjamin propõe dois conceitos fundamentalmente opostos: o de ‘valor de culto’ e o de ‘valor de exposição’.

O valor de culto enquanto tal tende justamente a manter a obra de arte oculta: certas estátuas de deuses são acessíveis somente ao sacerdote na cella, certas imagens da Madonna permanecem quase o ano todo veladas, certas esculturas em domos medievais são invisíveis para o observador ao nível do solo. Com a emancipação das práticas artísticas singulares do seio do ritual, crescem as oportunidades para a exposição de seus produtos. A exponibilidade de um busto que pode ser enviado para cá e para lá é maior do que a de uma estátua divina, que tem seu lugar cativo no interior do templo. (BENJAMIN, 1936, CÁP VI)

O valor de culto se refere à apreciação de uma obra de arte como algo intrinsecamente valioso, independente da sua exposição ou da interação direta com o público. Esse valor está enraizado na singularidade e autenticidade da obra, que possui um lugar específico e tende a se manter lá pela eternidade. Tradicionalmente, obras com valor de culto eram associadas a rituais, exatamente por serem únicas – portadoras de uma "aura".

Por outro lado, o valor de exposição está relacionado às obras advindas da modernidade. Como essas obras são criadas para serem vistas por um público amplo, só tem valor quando expostas, e podem ser facilmente reproduzidas ou modificadas para atender às preferências estéticas daqueles que a veem. Assim como, o valor dado a estas obras está mais ligado ao gozo estético do que à sua singularidade – a arte em si –, e essas obras não possuem a autenticidade das obras com valor de culto.

Quanto a essas distinções e conceitos, pode parecer, numa análise inicial, que Benjamin está buscando criticar a reprodutibilidade técnica, já que ela modificou essencialmente a forma e o porquê uma arte é feita. Entretanto, não é a reprodutibilidade técnica em si que im-

porta ao filósofo. Pois, Walter Benjamin reconhece que – apesar de não ser ainda uma posição majoritária – há como utilizar a reprodutibilidade técnica nas artes para a emancipação e a memória coletiva, e não somente para gerar mercadoria. Este é o caso de algumas fotografias, em que “o valor de culto da imagem encontra seu último refúgio no culto à rememoração dos entes queridos distantes ou falecidos” (BENJAMIN, 1936, CÁP VII), ou dos filmes que incutem a possibilidade de uma posição crítica (o que ele chama de ‘politização da arte’ – arte como lugar para o despertar reflexivo da sociedade) – em exemplo, Charlie Chaplin. O que preocupa o autor são os perigos associados a essa reprodutibilidade técnica nas artes, quando, deixa-se de lado essa oportunidade de usá-la explicitamente para chamar o povo a pensar sobre sua realidade, e, ao contrário, este é incitado à dispersão. Pois, o autor acredita que esta dispersão poderá ser utilizada em favor político.

Esta ideia de que uma arte altamente reprodutível pode levar a dispersão, está diretamente interligada aos conceitos de *Erlebnis* e *Erfahrung*, apresentado em outra obra de mesmo autor – *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. *Erlebnis* poderia ser traduzido para algo como ‘vivência’, enquanto a *Erfahrung* seria algo semelhante em tradução à ‘experiência’. Ambas dizem respeito a como nos relacionamos com o mundo. A diferença mais significativa entre ambos é que, quando fazemos experiência em um momento, nós faremos história daquilo, e conseguiremos contar com detalhes o que ocorreu, enquanto da vivência não se faz história, já que ela é constituída de acontecimentos dos quais não é possível fazer reflexão.

Os jornais constituem um dos muitos indícios de tal redução, se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse à própria experiência as informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto, é o oposto e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuem para este resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo linguístico (BENJAMIN, 1989, p. 107)

Consideremos os jornais – frequentemente citados pelo autor – para compreender o argumento. Na leitura de tal, é comum que a nossa atenção seja a todo momento ricocheteada, pois há muitas informações divergentes na mesma página de notícias, impossibilitando a construção de um nexos lógico entre as informações. Ou seja, acabamos vendo muita coisa e não conseguimos nos aprofundar em nenhum tópico em específico. Isto torna da leitura de jornal uma vivência que, neste caso, foi gerada pela recepção de tantas notícias comentadas superficialmente que não nos dão um tempo hábil para pensar.

Da mesma forma que acontece com os jornais, com a urbanização e o surgimento de novas formas de arte, Benjamin argumenta que, as pessoas estão cada vez mais expostas a uma variedade de estímulos nas cidades. E, desta forma, uma obra de arte específica pode parecer apenas mais uma dentre muitas, produzida em larga escala para gozo público. Isso resulta em uma situação em que ninguém refletiria sobre nenhuma obra. E é isso o que eu quero dizer com o incitar a dispersão – seria algo como levar as pessoas a vivências; propiciar uma situação que não leva a reflexão.

Objeta-se que as massas buscam dispersão na obra de arte, enquanto que o apreciador de arte se aproxima dela por meio da concentração. Para as massas, a obra de arte seria material para entretenimento; para o apreciador de arte, ela seria objeto de devoção. [...] dispersão e concentração estão em oposição e podem ser formuladas da seguinte maneira: aquele que se concentra diante da obra de arte mergulha nela, penetra nessa obra [...] Por outro lado, a massa dispersa, por sua vez, mergulha a obra de arte em si (BENJAMIN, 1936, Capítulo XVIII)

O grande problema que jaz por trás dessa dispersão é que, se refletíssemos sobre determinada obra poderíamos decidir sobre como ela nos afeta, e o que ela tem a nos dizer. Porém, devido à falta de reflexão, Benjamin acredita que as obras que mais se alinham aos sentimentos e expectativas da massa dispersa, poderão atuar de forma subconsciente, moldando a percepção e a interpretação do mundo dessa população sem que eles estejam atentos a este processo. E, na era da reprodutibilidade técnica, esse poder indireto de influência da indústria cultural pode, lamentavelmente, estar nas mãos de qualquer indivíduo que saiba criar uma arte capaz de agradar a todos – como músicas que grudam na mente, artes com cores que estão em alta ou designers que expressem um sentimento da maioria –, incluindo políticos, que podem explorar a arte para idealizar seus governos e promover o sistema capitalista.

Temos que lembrar que é a praga do trabalho forçado que atualmente gerou essa necessidade [a necessidade da “arte como um narcótico”, conforme definida previamente no artigo]. Foi tal praga que forçou as pessoas a assimilarem a neblina da “cultura burguesa”, que incute a passividade e a contemplação. (TRETIAKOV apud. VILLELA, 2020, p. 19)

Este foi, por exemplo, o caso do projeto do “Radio do povo”. Na época, o rádio era um dos objetos de mídia mais caros, já ao “Rádio do povo” – criado por Adolf Hitler – qualquer um teria poder de compra. A justificativa para a criação deste, é a de que seria uma forma de democratizar a informação. Entretanto, a real intenção do político era que suas falas influenciassem a população em seu momento de dispersão, ocasionado pela forma como as notícias eram expressas – de forma rápida e que não acarretavam nenhuma reflexão.

Esta utilização da arte como artifício político – em que estética e política não se diferem – será denominada ‘estetização política’ (o oposto da ‘politização da arte’). E é este movimento que será criticado por Walter Benjamin.

4.2 “ESTETIZAÇÃO POLÍTICA”

Recordemos a alegoria da caverna de Platão:

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; [...] Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objectos. (PLATÃO, p. 315, 514a; p. 317, 516b)

A Alegoria descreve um grupo de seres que passam toda a vida acorrentados no interior de uma caverna, de modo que só conseguem ver a parede à sua frente. Atrás destes, há uma fogueira, e entre as pessoas acorrentadas e a fogueira, há um caminho elevado pelo qual alguém move objetos que projetam sombras na parede da caverna. Para os prisioneiros, essas sombras são a realidade, considerando que é tudo o que conhecem. As vozes que vem de fora e ecoam lá dentro, estes prisioneiros acreditam ser as vozes das sombras que veem. Um dia, um dos prisioneiros consegue se libertar e sai da caverna. Inicialmente, ele fica cego pela luz do sol, mas gradualmente seus olhos se ajustam e ele vê o mundo exterior, que é muito mais real e complexo do que as sombras na parede da caverna. Então, tal humano, mesmo com dificuldades de voltar ao escuro, retorna a caverna para contar aos outros prisioneiros sobre o mundo exterior, mas eles não acreditam neste e o consideram louco, desejando até mesmo o matar.

A caverna simboliza as ilusões, enquanto o mundo exterior representa um conhecimento mais genuíno. Os prisioneiros representam pessoas que vivem na ignorância, enquanto o filósofo é aquele que se liberta e busca o conhecimento.

Durante a leitura da alegoria, percebemos que é improvável que alguém acredite que permaneceria na posição dos prisioneiros dentro da caverna, já que, para nós, a diferença entre viver a realidade e viver na ilusão das sombras parece óbvia. No entanto, Benjamin propõe que – por mais que não percebamos –, como as imagens fazem parte do nosso dia a maior parte do tempo, ainda enfrentamos as mesmas restrições mentais dos prisioneiros, pois, através destas, outros tem determinado o que é a realidade e como devemos nos comportar nela.

Este é, por exemplo, atualmente, o caso da televisão, onde somos constantemente inundados por imagens moldadas pela mídia.

FIGURA 6 – Caverna moderna



Fonte: Kanar; Pinterest (2018)

Um conceito será essencial para entendermos melhor o argumento: o de estética. Segundo apresentador do canal *Normose* – em sua série de vídeos sobre o poder estético –, a estética é tudo o que podemos perceber e sentir –, como outdoors, a configuração das cidades, o estilo de vestimenta das pessoas, os programas de TV, os sons, entre outros. A noção de estética, na atualidade, vai além da mera apreciação do que é considerado belo, estendendo-se à arte de maneira mais abrangente.

Outra colocação do então apresentador, é que a estética serve como um indicativo do ambiente no qual uma obra está inserida, revelando a perspectiva das pessoas e sua visão de mundo na época – isto será essencial para a teoria de Walter Benjamin. Segundo o filósofo, a estética busca representar os sentimentos e gostos da população em determinado tempo e lugar, para que um grupo dominante possa moldar o imaginário coletivo. O que é destacado é a ideia de que a estética de uma obra, ao refletir a consciência social, poderá também impactar essa, contribuindo para a construção da nossa concepção de realidade. Essa influência estética permeia as noções de certo e errado, quem merece ser julgado ou não, quais ações são aceitáveis e quais não são, moldando assim a ética e a moral da sociedade.

Consideremos, por exemplo, que é comum que a maioria das pessoas goste do filme *Sempre ao seu lado*. Isso se dá porque a narrativa envolvendo cachorros tende a evocar nossas emoções, pois, na cultura americana, os cachorros são, normalmente, considerados "o melhor amigo do homem". Então, é muito provável também que, após assistirmos ao filme, passemos a enxergar o protagonista como belo e bom, e que a raça Akita por nós seja mais desejada, entre outros efeitos comportamentais. No entanto, é importante notar que em culturas onde os cachorros são tradicionalmente retratados como uma fonte de alimento, a reação poderia não ser a mesma após assistir ao filme. E é por isso que esses tipos de filme são produzidos comumente na América, e influenciaram muito mais essa população.

Sempre ao seu lado, como micro política – uma forma subjetiva de influenciar determinado pensamento em relação ao estado (politicamente; economicamente) – tem relevância ao influenciar a economia, alterando o gosto de determinadas pessoas. E este é o foco do estudo Benjaminiano, o ato de expressar uma visão popular ou um sentimento para, através da estética, alterar nossa visão de mundo – e, conseqüentemente, nossas ações nele –, e principalmente, quando essa manipulação do imaginário popular ocorre em favor político – que é o que ele vem a chamar de ‘estetização política’.

Por que gostamos de uma obra e não de outra? Apesar de acreditar piamente que somos seres racionais e é a razão que determina nossas escolhas, não é bem por aí. Aquilo que meche conosco, que toca em nossas emoções tem peso diferente sobre as nossas escolhas. Nossa análise está muito mais próxima da arte do subjetivo do que costumamos considerar. Pense, por exemplo, nos vilões de filme, a indústria do cinema já contribuiu muito pra construção de imagens que você tem aí na sua cabeça [...] a caricatura do inimigo se adapta aos interesses da ideologia dominante [...] E esse imaginário que produz os nossos movimentos de vida – a forma como julgamos as pessoas, como tomamos decisões. (Normose, 2022)

A ‘estetização política’ nasce da noção de que, numa sociedade permeada por imagens, não haverá reflexão profunda sobre qualquer uma dessas e, assim, desenvolvendo e incitando sentimentos desejados pela população nas artes, é possível incutir propagandas políticas em qualquer forma estética.

A humanidade, que em Homero fora um dia objeto de contemplação para os deuses olímpicos, tornou-se objeto de sua própria contemplação. Sua autoalienação atingiu tal grau que se lhe torna possível vivenciar a sua própria aniquilação como um deleite estético de primeira ordem. Assim configura-se a estetização da política operada pelo fascismo. (BENJAMIN, 1936, CÁP XIX)

Consideremos Hitler como exemplo no presente trabalho, muito provavelmente aquele a quem Benjamin voltava suas críticas, já que foi o governo que dizimou boa parte da população Judia e marxista – do qual Benjamin fazia parte.

O antigo líder do partido nazista, tinha como ministro da propaganda Joseph Goebbels. Ministro que apoiava com fervor os ideais de Hitler e que muito se interessava pelo poder que a imagem tinha em promover partidos políticos. Este utilizou, durante o governo de Hitler, todas as mídias possíveis, com ênfase especial no rádio e no cinema. Como havíamos visto, a Alemanha no pós guerra era marcada por uma decadência, o que era fonte de revolta popular. Goebbels, ciente desta situação, promoveu em boa parte das obras nazistas a ideia de que a arte nazista era uma forma de expressão da revolta da massa.

A “estetização da política”, definida no final do ensaio, era a resposta do fascismo às contradições engendradas pela crise capitalista e pelos novos dispositivos de reprodução técnica. Ela consistia, fundamentalmente, numa política de contenção das demandas revolucionárias do proletariado através da difusão, em escala industrial, de imagens que representassem as massas ou que fossem o resultado da expressão delas. Segundo Benjamin, o interesse “originário” do proletariado em relação ao cinema – interesse calcado nas possibilidades de conhecimento da natureza, de destruição da tradição e do desenvolvimento da consciência de classe – era pervertido pelo fascismo. A “estetização da política”, portanto, era a representação das massas promovida justamente para pacificá-las. Ela operava, então, como uma espécie de concessão do fascismo ao movimento operário: “[o fascismo] vê sua salvação em deixar as massas alcançarem a sua expressão (de modo algum o seu direito [i.e., a revolução nas relações de propriedade e produção])” (BENJAMIN, 2012, p. 117). O “gozo estético” produzido pela contemplação da própria destruição era, segundo Benjamin, uma espécie de resultado libidinal, cuja matriz era a autoalienação generalizada da humanidade no capitalismo. (VILLELA, 2020, p. 3).

Este foi o caso dos filmes e cartazes feitos durante a campanha de Hitler, que possuíam representações visuais que culpavam judeus e comunistas pela decadência alemã ao associá-los de maneira pejorativa aos países que haviam derrotado a Alemanha. Assim como os judeus eram frequentemente retratados com características exageradas, como narizes proeminentes e olhos marcantes. Tudo com o intuito de ridicularizar suas características físicas – para que parecessem monstruosos para a população. Disseminando estes cartazes, Hitler buscava moldar aos poucos a percepção que a população possuía da realidade. De forma que, as pessoas passassem a acreditar que o inimigo estava mais próximo do que imaginavam, causando uma situação de desespero, que seria ideal para que Hitler mantivesse sua campanha, se propondo como salvador da Alemanha abalada pela guerra.

FIGURA 7 – Propagandas antissemítas



Fonte: testencyclopedia.ushmm.org (2022)

E este foi o caso. Quanto mais a ideia de que os judeus eram os inimigos a serem destruídos se enraizava no imaginário, o governo nazista intensificava seus esforços para disseminar o líder como aquele que era contrário a estes que representam o mau, seja pelo uso de slogans – ex.: *Heil Hitler* (salve Hitler) e *Sieg heil* (Salve a vitória) –, logotipos ou símbolos memoráveis – ex.: suástica. Como ocorre nos cartazes como o que já vimos (FIGURA 3), em que Hitler é apresentado como ‘o iluminado’ e é colocado como messias. O grande plano é que aqueles que vissem, de forma contínua, seus posters na rua contra o “mau eminente” – que ele mesmo havia criado, com base na revolta popular –, inconscientemente fossem adquirindo apreço por tudo o que estivesse conectado a ele – que se propunha a os salvar deste mau.

Para o objetivo de alcançar cada vez mais pessoas, Hitler usou os comícios que fazia para expressar sua oratória e alcançar o povo alemão através das suas frustrações. Em adição, Hitler e seu partido nazista se usava de desfiles, estandartes que podiam ser vistos facilmente a noite e até mesmo filmes chamando a atenção do povo além de fazer grandes divulgações de onde e quando seus comícios ocorreriam. Dessa forma, a propaganda alcançava as classes mais baixas como também as mais altas, apelando até para o lado psicológico do povo alemão, de forma que pudessem ver em Hitler alguém que poderia tornar seus anseios reais não importava a que classe pertencesse (MAIOR et al, 2020, p.15)

Tal situação teve continuidade também durante o governo já estabelecido de Hitler. Que, deu fim ao cinema da era Weimar, dando lugar a uma produção artística que refletia exclusivamente a visão e os valores do partido nazista. Segundo o documentário *De Caligari*

a *Hitler*, o caso é que Hitler possuía certo receio de que os diretores da era Weimar propusessem, através do cinema – apesar de ser uma forma de entretenimento, na atualidade –, que as pessoas refletissem sobre sua realidade. Aquilo que foi chamado por Benjamin de ‘Politização da arte’.

O que era proposto por Hitler é idealmente o contrário. A população era estimulada a dedicar a maior parte de seu tempo de lazer nas salas de cinema, sob o pretexto de que esses espaços eram destinados ao prazer do povo e que eram uma forma de expressão dos sentimentos e angústias da massa, no entanto, com o verdadeiro intuito de que, com isso, as pessoas não buscassem lidar diretamente com a realidade exterior. Essa imersão constante na estética cinematográfica não apenas refletia, mas também moldava as percepções e compreensões da vida, influenciando profundamente a maneira como as pessoas interpretavam e interagiam com o mundo ao seu redor.

Poucos meses antes do final da guerra, era preciso entreter a população e ao mesmo tempo fortalecer a crença da *Endsiege*, a "vitória final". Segundo Rothers, a produção cinematográfica alemã prosseguiu em 1944, "inclusive com queixas do Ministério da Propaganda de que o número de filmes não era suficiente. Houve um esforço muito claro para manter sua produção e continuá-la em um nível alto, para garantir o suprimento básico". Apesar de os bombardeios às cidades alemãs serem cada vez mais intensos, o regime queria que a população fosse aos cinemas. "Isso certamente está relacionado ao fato de o cinema ser considerado um fator que poderia manter a satisfação ou a aceitação entre a população", acrescenta Rother. (KÜRTEEN, Jochen. 2020)

E, apesar de a arte ter se tornado, a partir deste momento, mais explicitamente manipulada, tal ato não era claramente percebido por uma população que já estava imersa no discurso nazista, demonstrando o efetivo poder que a arte teve em influenciar esse grupo de pessoas, como produzida de forma a insinuar uma representação de suas emoções, afetos, e daquilo que os provoca sensações – parte do como Hitler expandiu o nazismo, apesar do projeto absurdo de um ariano supremo.

Logo, Hitler é um utilizador da ‘estetização política’ por excelência. Sabendo que, a comunicação e a imagem desempenham um papel central para influenciar a população e manter sua satisfação. Quanto aos termos do presente trabalho, cabe dizer que não só Hitler, mas todo político carismático utilizará dessa ferramenta, nem que seja tão somente no campo do discurso.

Em complemento, vale ressaltar que eu não vejo como essa ferramenta poderia ser central para qualquer outra forma de dominação. Embora não seja exclusiva do líder carismático, para um político que esteja voltado a conquistar uma dominação legal, o foco central

deveria estar em debates que evidenciem seu conhecimento político, pois, mesmo que não conquistasse seguidores – pessoas que o obedeceriam cegamente mesmo sem uma lei que os imponha isso –, virá a dominar a população se acaso for eleito; o mesmo serve para a dominação tradicional, em que o líder não precisa conquistar a população, pois está legitimado pelo poder sucessivo. No entanto, para o político carismático é quase que essencial, pois, mesmo que tenha qualidades políticas para governar – apesar de não ter se mostrado o caso – o que o trará seguidores será a fé do povo na realização de uma grande missão política.

Neste caso, a estética é uma ferramenta estratégica. Os ajuda a criar uma narrativa visual – uma imagem positiva e inspiradora que ressoa com os eleitores, influenciando assim a forma como são percebidos –, estabelece conexões emocionais e molda a percepção pública da realidade, contribuindo para o sucesso em campanhas políticas, de forma que estes ganhem o afeto e sejam lembrados pela população. Como é o caso na FIGURA 8 que reforça a importância da estética – neste caso, em um vídeo divertido em que o candidato em questão demonstra um hobby diferente – para criar uma imagem memorável do político.

FIGURA 8 – Heitor, o eleitor



Fonte: igortadeu.blogspot.com (2012)

Acredito que esteja escancarado o problema óbvio desta ferramenta na política – o de que determinado político molde a concepção de pessoas de forma que não precise demonstrar qualidades políticas verdadeiras, influenciando, uma gama de eleitores a votarem sem buscar uma visão crítica. Porém, tenho refletido acerca dos problemas futuros que podem advir do uso dessa ferramenta, para além do problema óbvio – e que são problemas da ferramenta, mas que refletem os problemas da política carismática de forma geral.

Entre eles, está o de que, se todos os políticos passarem a se utilizar da ‘estetização política’, o cenário político se parecerá com uma espécie de espetáculo, em que a ênfase está na forma como as ações políticas são comunicadas e percebidas em vez da discussão de questões políticas reais. Além disso, ao privilegiar a forma como se fala em detrimento do conteúdo, a ‘estetização da política’ destaca as emoções e respostas sensoriais, tornando a política mais imprevisível e volátil. Esse fenômeno reflete, de maneira mais alarmante, o problema socrático com a sofística – o ato de que se possa enganar um grupo de pessoas despreparado politicamente (que altere sua percepção com base em sensações momentâneas).

Preocupações que devem ter feito parte das indagações de Benjamin, ao introduzir este problema em seu livro. O que parecia ter como objetivo, então, não incentivar que retornemos a um passado em que a arte não era exposta à reprodutibilidade técnica, já que, para ele, isso não é possível, considerando a evolução industrial. Mas incentivar que, tomemos, independentemente da reprodutibilidade técnica, uma posição crítica frente a quais são as nossas fontes e como elas tem nos influenciado, e principalmente, aos artistas, que insistam em propor artes que incitem a reflexão.

5 ELEIÇÃO DO EX-PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DONALD TRUMP

É fácil alegar que o que foi apresentado até o momento refletem momentos exclusivos de uma liderança carismática, e que sofistas, ou “outro Hitler”, jamais dominariam a população através da democracia. Afinal, a democracia ateniense é substancialmente diferente das democracias atuais, por atuar de forma direta, e a da Alemanha, era uma democracia em seus primeiros anos de vida, onde, teoricamente, seria normal que a população estivesse perdida sobre como lidar com este sistema e cometesse esse tipo de erro – o de seguir tão cegamente um político por seu carisma, ao ponto de não se atentar a possíveis indícios tirânicos. Mas é muito fácil dizer isso quando estamos olhando de fora da história – “jamais esqueçamos, Heinrich Himmler (nazista) era um pai carinhoso e um marido dedicado” (VOGALIZANDO A HISTÓRIA, 2023).

O estudo da ascensão de líderes como os sofistas e nazistas é crucial para compreendermos este fenômeno recorrente na história: líderes carismáticos que buscam estabelecer governos tirânicos não proclamam abertamente suas intenções autoritárias com o tom que deveriam ter. Em vez disso, habilmente manipulam discursos tirânicos para que pareçam discursos adequados frente a situação local, e assim, conquistam a confiança do eleitorado, que não vê por trás do discurso alguém que levará a um governo absolutista e autoritário de forma efetiva.

Com isso, torna-se uma necessidade emergente que a sociedade desenvolva uma postura crítica em relação a discursos sedutores, e possam analisar as propostas políticas com discernimento racional. A compreensão desses padrões históricos pode fortalecer a capacidade das pessoas de identificar e resistir a líderes que, sob uma fachada atraente, buscam consolidar o poder de maneira tirânica.

Assim, poderíamos pensar que, atualmente, atingimos uma posição crítica, sugerindo que não há motivo para preocupações em países democráticos. No entanto, a última década se apresenta como uma prova do contrário. Hitler não é o último líder carismático e tirânico que veremos nos últimos séculos; esses líderes apenas adotaram novas formas de se manifestar. O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, está longe de ser o único exemplo contemporâneo desse fenômeno, mas é um que me vem à mente, pela ironia de a democracia americana se intitular uma das maiores do mundo.

Os antigos atenienses tinham uma democracia direta, então o eleitorado votava em quase tudo. Referendos eram basicamente intermináveis. "Hoje existem muitas instituições que não existiam na época de Platão: democracia representativa, o Supremo Tribunal Federal, as leis dos direitos humanos, a educação universal...", destaca a filósofa Lindsey Porter. "Elas servem como salvaguardas para controlar e fiscalizar o governo de uma multidão imprudente", acrescenta. No entanto, nos últimos anos, o surgimento de líderes populistas ao estilo de Donald Trump ecoou as advertências de A República entre vários analistas, incluindo o comentarista político Andrew Sullivan, que em 2017 deu voz às suas reflexões em um vídeo da BBC Newsnight. Tendo Platão como exemplo, ele enfatizou que esse tipo de personagem "geralmente é da elite, mas está em sintonia com os tempos. (...) Ele assume uma multidão particularmente obediente e chama seus pares ricos de corruptos", disse Sullivan. "Em última análise, ele está sozinho, oferecendo aos cidadãos confusos, distraídos e autoindulgentes uma espécie de alívio das escolhas infinitas e inseguranças da democracia. (...) E ele se oferece como a resposta personificada para todos os problemas. E com o público animado por ele como uma possibilidade de solução, uma democracia se anula impetuosamente e de maneira voluntária". (UOL Educação, 2021)

Trump, além de demonstrar indícios tirânicos dentro de uma democracia sendo um político carismático – o que reflete a teoria dos governos de Sócrates mesmo nos dias atuais, em uma democracia representativa –, ele será um grande exemplo de como a arte pode ser utilizada por um político carismático – considerando a era da tecnologia, em que a reprodutibilidade técnica foi extrapolada pelo acesso as redes sociais – para atrair seguidores que possam crer no líder como um messias, ou seja, um ser enviado para tomar as decisões corretas pelo povo – não muito diferente da persona que todo político carismático propõe.

É possível traçar uma correlação entre como estava a situação socioeconômica do Estado, ou da sociedade civil em questão da análise, e o simbolismo que essas figuras carregam ao partir de períodos críticos, e essenciais para a sobrevivência humana (EBERTZ 1987; SCHLUCHTER, 1988 apud BACH, 2011). Essas personalidades são figuras que espelham a crença, a esperança. Figuras essas que vêm em forma da representação do desespero humano daquele momento vivido, como messias para sua busca de salvação, e resolução de problemas. A saída de todas as dificuldades. (MAIOR et al, 2020, p.4)

Quanto à sua trajetória, Donald Trump não é reconhecido apenas pelo seu envolvimento na política. O ex-presidente dos Estados Unidos se formou em Economia e, desde jovem, desenvolveu sua carreira como empresário, contando com a influência e apoio financeiro de seu pai.

Uma técnica marcante em sua estratégia de autopromoção foi a incorporação de seu nome em vários de seus empreendimentos – Trump Entertainment Resorts; Trump Tower; Trump Hotels; entre outros –, contribuindo para um sucesso conjunto de suas empresas e do próprio, que assim, alcançava a fama. Essa abordagem revelou-se eficaz ao longo do tempo, pois, além de sua atuação empresarial, Trump tornou-se apresentador de um reality show, no qual contratava e demitia funcionários de suas empresas. O que contribuiu significativamente para sua projeção pública.

Nos anos seguintes, devido crises de longo prazo nos Estados Unidos, Donald Trump passou por diversos problemas com suas empresas – chegando à falência de uma delas. No entanto, o empresário, não muito tempo depois, havia recuperado com sucesso seus negócios. E, em 1987, Trump consolidou sua presença no mundo dos negócios ao publicar um livro de conselhos empresariais – *Trump: The Art of the Deal* – que rapidamente se tornou um best-seller.

Esses diversos aspectos de sua carreira anterior a política ilustram a multiplicidade de papéis que Trump desempenhou ao longo dos anos, moldando sua imagem pública de empresário de sucesso e figura midiática influente.

Assim, em 2012, após a reeleição de Barack Obama, Trump, que já possuía alguma fama por seu cunho empresarial, utiliza de sua influência para disseminar discursos de oposição ao presidente, e ganha agora relevância também no campo político.

De acordo com uma reportagem do G1 (2020) que busca desmascarar diversas fake news estabelecidas durante a eleição de Donald Trump, o antigo presidente, por muito tempo, integrou um grupo conhecido como 'Birther', que buscava incessantemente provas para desacreditar a cidadania americana de Barack Obama. Embora, atualmente, Trump tenha reconhecido a cidadania de Obama, esse passado fez parte dos argumentos utilizados em suas críticas ao governo – mesmo sem provas evidentes. Desta alegação seguia-se que, Obama, por não ser um Americano nato, não entenderia as necessidades do povo Americano, e conseqüentemente estaria afundando os Estados Unidos.

O empresário disse que os inimigos estão cada vez mais fortes, enquanto o país está cada vez mais fraco. – Nosso país está em sérios apuros, não temos mais vitórias, e somos acostumados a isso, mas não é o que vem acontecendo. Quando foi a última vez que superamos alguém, por exemplo, a China, em um acordo comercial? Eles acabam com a gente. (TRUMP apud. RedeSeculo21, 2015)

Conforme destacado por uma pesquisa da BBC Mundo (Bermúdez, 2017), o ex-presidente Trump não estava totalmente equivocado quando apontava para um período de baixo desenvolvimento nos Estados Unidos durante o governo de Obama. Contudo, estabelecer se isso era resultado de uma má gestão por parte de Obama é uma tarefa desafiadora. Até mesmo por que, na mesma reportagem, são delineados estudos que acreditam que este tipo de colocação não levava em conta muitos dos benefícios sociais recebidos por famílias graças ao Estado. Então, não há uma concordância evidente sobre o assunto. Sabe-se que Trump apoiou-se nas primeiras pesquisas – as que apontavam para resultados lamentáveis de pobreza e

desemprego – para sua crítica à Obama, e para sua ascensão política – ao se colocar como a solução para os problemas econômicos.

Marcado por esse discurso de que o Estados Unidos estava fadado ao fracasso nas mãos de Barack Obama, em 2015, anunciou que se candidataria a presidência. Tendo como slogan “make America great again” (faça a América grande de novo). Ou seja, o candidato reiterava no imaginário popular que houve uma América que deveríamos ter conhecido, mas não teria se feito presente nos últimos anos.

FIGURA 9 – Make America great again



Fonte: ktoo.org (2015)

Ao longo de suas campanhas presidenciais, Donald Trump empregou uma variedade de estratégias que transcendiam seu conhecido slogan – utilizado em toda a campanha, e também em itens vendidos pela empresa do próprio (como o boné, que o acompanhou durante toda a campanha).

O ex-presidente foi um dos primeiros a perceber a importância do uso intensivo das mídias sociais e da comunicação direta com os eleitores. Sua presença constante, comentando notícias e respondendo quase que incessantemente, destacou-se como uma abordagem inovadora. Sendo, quase impossível, não recordar a participação do político nas redes durante as eleições.

FIGURA 10 – Trump Twitter



Fonte: usatoday.com (2018)

Outro aspecto central se trata de sua narrativa nacionalista, sugerindo que suas ações visavam o melhor para os **americanos**. Essa perspectiva apelava especialmente aos eleitores preocupados com a situação econômica. Nesse sentido, Trump associava seus oponentes políticos a grupos externos, como imigrantes ilegais e a China, por serem grupos que ele insinuava serem responsáveis pelo índice de pobreza e pela falta de empregos. Contribuindo para uma narrativa do "nós contra eles".

Ele clama pela implementação de medidas que impulsionassem a economia e diz que será duro com a imigração. “Quando o México envia suas pessoas, eles não mandam os melhores... Mandam pessoas cheias de problemas. Eles estão trazendo drogas, crime, são estupradores, e alguns poucos, eu acho, devem ser boas pessoas.” (TRUMP apud. Luana Franzão, CNN, 2021)

Além disso, a imagem de Trump como um líder corajoso, que não hesitava em expressar suas opiniões e enfrentar o que o incomodava – mesmo que muitas vezes de forma violenta –, contrastava com a imagem mais convencional de alguns políticos e criava uma imagem forte do político.

A estratégia de design dos cartazes de propaganda também era notável, incorporando as cores da bandeira americana. O que reforçava o patriotismo de Trump, elemento crucial na construção de sua identidade política.

FIGURA 11 – Vote TRUMP



Fonte: zazzle.com (2016)

Esses artifícios, podem ser objeto de críticas por induzirem a um discurso extremo e por desafiarem as normas tradicionais da política. Porém, independentemente, a combinação dessas estratégias contribuiu para o sucesso de sua campanha.

Quanto as políticas públicas, Trump não se privou de polêmicas, reforçando seu preconceito contra grupos externos, e valorizando o nacional. Entre as propostas estava a construção de um muro na fronteira com o México, e a proibição de muçulmanos nos Estados Unidos. “Mas o que convence o eleitorado americano são as promessas de reerguer a indústria nacional, recuperar os empregos do país, e exterminar o grupo terrorista do estado islâmico.” (Record, 2016) – políticas estas que Trump reforçava que só seriam possíveis depois que as primeiras fossem aplicadas.

E, em 2016, foi eleito – indo contra o resultado das pesquisas –, ano no qual concorreu contra Hillary Clinton. É verdade que ele havia conseguido menos votos no total do país, mas venceu na contagem entre os representantes dos estados – que é o que conta na eleição dos EUA. E, por mais que isso possa soar estranho, na verdade, é muito simples. A dinâmica das eleições presidenciais nos Estados Unidos é peculiar. Além de a participação não ser obrigatória, o que leva os candidatos a não apenas buscar votos a favor de sua eleição, mas também a incentivar a participação cívica, os eleitores não escolhem diretamente o presidente. O voto é direcionado para "delegados" (representantes encarregados de eleger o presidente). Cada estado possui um número de delegados proporcional à sua população. Se a maioria dos delegados

expressa apoio a um determinado presidente, todos os votos dos delegados desse estado são destinados a esse candidato. Essa abordagem visa equilibrar a representação entre estados mais e menos populosos.

Fazendo com que a eleição de Donald Trump tenha sido sim democrática, e não tira, de forma alguma, o peso popular daqueles que o apoiavam, apesar de a democracia dos EUA ser substancialmente diferente da democracia como conhecemos no Brasil.

Durante o seu mandato, o presidente começou a implementar suas promessas de campanha, destacando-se por uma abordagem diplomática. Sem hesitar, empreendeu esforços significativos para reverter as políticas implementadas durante o governo de Obama, como é o caso com o acordo em que o Estados Unidos estava envolvido e era destinado a reduzir a poluição. Ele argumenta que esse acordo era injusto para os interesses nacionais, especialmente no contexto econômico. A prioridade era claramente orientada para o que era considerado o melhor para o país – economicamente –, mesmo que isso pudesse ter implicações no bem-estar da população a longo prazo.

Durante a maior parte de seu governo, sua administração não esteve claramente envolvida em mudanças significativas que sugerissem o caminho para um fim antidemocrático – sem dúvidas esteve, no sentido em que privou certos grupos de um acesso cidadão aos Estados Unidos, mas digo no sentido, de dar fim as instituições democráticas explicitamente. O enfoque principal estava verdadeiramente nas políticas públicas voltadas para o emprego, visando consolidar sua dominação. O que tornou seu governo, consideravelmente, bem aceito. No entanto, foi nos últimos momentos de seu mandato que surgiram as principais polêmicas relacionadas a seu governo que começavam a indicar uma falta de empatia popular efetiva do então presidente, especialmente, em meio à pandemia. Foi nesse período que Trump adotou posturas anticientíficas, gerando críticas e debates consideráveis sobre sua abordagem em meio a uma crise de saúde global.

Embora tenha buscado defender a vacinação em suas aparições no penúltimo ano (2022), essa postura nem sempre foi adotada por ele.

Analistas políticos apontam que a explicação pode estar na mudança de opinião dos próprios republicanos sobre as vacinas, o que levaria Trump a reivindicar os méritos pela produção delas. Há também quem aponte para necessidade do ex-presidente de suavizar a própria imagem e reconquistar parte do eleitorado perdido para Biden em 2020 e até mesmo uma preocupação de que a Covid-19 esteja matando desproporcionalmente sua base eleitoral, que costuma ser mais antivacina que os democratas. (G1Mundo, 2022)

Além disso, o ex-presidente estabeleceu diversas falas preconceituosas que reforçavam atitudes racistas, o que levou ao fortalecimento de manifestações como a ‘black lives matter’, que buscava demonstrar a desigualdade racial presente no país.

FIGURA 12 – Protesto em frente a Trump Tower



Fonte: TheNewYorkTimes (2020)

E, quando em 2020 começou suas campanhas para concorrer ao segundo mandato, desta vez, contra Joe Biden, Donald Trump perdeu, muito provavelmente, devido a resistência que se formava contra seus atos preconceituosos e anticientíficos, numa onda de protestos que buscavam alertar a população sobre os perigos de se reeleger o presidente.

Assim, em 06 de janeiro de 2021, por falas que incitavam o ato, uma multidão de manifestantes pró Trump invadiram o congresso Americano que fazia a contagem de votos para declarar de uma vez Joe Biden como presidente. “A notícia foi dada em todos os idiomas, mas com o mesmo tom, de espanto com o que se passou no país que se diz a maior e mais forte democracia do mundo.” (Band Jornalismo, 2021)

É verdade que o próprio não tenha invadido o congresso, no entanto, ele mostrou induzir a este ato, ao dizer a seus eleitores que acreditava fielmente que a eleição havia sido fraudada – e o fato de aqueles que ele dominou terem concordado, demonstra só não o quanto uma dominação carismática é forte, como o quanto a democracia é fragilizada quando um grupo de pessoas não sente que seus desejos estão sendo satisfeitos e surge um político carismático com uma promessa de mudança radical.

Em 18 de dezembro, ele recebeu na Casa Branca alguns conselheiros informais que o exortavam a seguir com alegações infundadas de fraude eleitoral. O grupo — que incluiu seu advogado pessoal Rudy Giuliani e seu ex-assessor de Segurança Nacional Michael Flynn — sugeriu que Trump ordenasse que militares apreendessem as urnas estaduais. [...] O tuíte de Trump — enviado às 01h42, horário local — dizia a seus apoiadores: "Estatisticamente impossível ter perdido a eleição de 2020. Grande protesto em [Washington] DC em 6 de janeiro. Esteja lá, será louco ("wild", em inglês, que pode ser traduzido como "louco", "selvagem" ou "feroz)". (SHEERIN, Jude. BBC News Washington, 2022)

Por fim, Biden foi mesmo declarado presidente – apesar de não ter recebido livremente o cargo por seu antecessor, que até hoje não reconhece a eleição como justa, garantindo que teria existido uma fraude. E há uma possibilidade de que Trump se reeleja neste ano (2023) – sendo um dos mais cotados pra vencer as eleições, apesar dos processos que vem correndo na justiça e dos empecilhos de campanha estabelecidos para o então candidato à presidência.

Trump está respondendo a alguns processos – por ocultar documentos, dar declarações falsas, e por conspirar contra a justiça – ao tentar fraudar o resultado das últimas eleições (2020). Em todos estes, apesar de possuir dinheiro para advogados e fiança, teve auxílio de seus apoiadores, tendo recebido milhares de dólares em doação. Isto, devido a uma forte incisão de que o político estava sendo prejudicado, ou como o próprio disse em sua primeira aparição após o ataque, que ele seria vítima de uma “caça às bruxas” que só estaria sendo feita pois sabem – os concorrentes políticos – da sua chance de nova eleição.

Apesar de sua campanha, atualmente, possuir diversas complicações, já que, foi expulso da maioria das redes sociais mais conhecidas – por não ter contido suas represálias, seus discursos de ódio e publicações de fake news –, o ex-presidente possui sua própria rede social, chamada ‘Truth social’ – o nome faz referência a ideia de Trump, de que esta seria uma rede social mais verdadeira, ao passo que, para ele, a verdade está relacionada a falar livremente sobre todas as suas opiniões. Rede essa que tem o auxiliado a manter seu contato direto com o público, o que é parte essencial de sua campanha.

A atual preocupação dos opositores de Trump com as incessantes barreiras colocadas ao presidente – já que nem ao menos tem funcionado –, é que o fim dele seja visto como o de um mártir (alguém que sofre perseguição por suas crenças). Em que, futuramente, as pessoas não enxerguem as camadas do problema político com base em sua eleição, e vejam alguém que foi vítima do sistema democrático – como ele propõe.

5.1 FEELS GOOD MAN - A ARTE COMO FERRAMENTA POLÍTICA

Depois da morte de Hitler, fica evidente para um grande número de pessoas que o nazismo é repudiado – estando na lista de discursos de ódio –, então, os políticos que possuem posições políticas semelhantes se encontram tendo que designar uma nova nomenclatura para si, no entanto, a forma pela qual adquirem o afeto da população, ainda é a mesma – a estética.

A estética no século XXI ganha uma nova forma, a das mídias sociais. Antes a dispersão proporcionada pela tela de cinema, pelos jornais e rádios, hoje é extrapolada pela tela de rolagem infinita. Como é o caso de plataformas como o Twitter, Facebook, Instagram e mais recentemente o TikTok, onde os vídeos costumam durar no máximo 30 segundos, e possuímos a sensação de ter passado pouco tempo na rede, quando na verdade costumamos passar horas.

A rolagem infinita tenta evitar que você reflita se quer continuar ou não consumindo aquele conteúdo. [...] Assim como os cassinos não permitem a entrada de luz natural, nem têm relógios nas paredes, para que os frequentadores percam a noção do tempo, as redes sociais preferem que você não lembre que há uma vida fora da tela. (GIANNANGELO, Rodrigo. 2022)

E, se há alguns anos atrás qualquer pessoa de algum poder mínimo econômico poderia ter acesso ao desenvolvimento estético da cidade e deliberadamente exprimir sua opinião através das artes aqui isso é ainda mais evidente. Pois, cada indivíduo tem sua própria conta e muitas poucas restrições – apesar da tentativa de controle de algumas redes sociais, não há ainda políticas efetivas de vistoria de todas as publicações que uma mídia tão grande recebe por minuto –, assim como é muito fácil criar perfis anônimos, em que se fale sobre tudo sem nenhuma consequência.

Como as empresas atuam sobre a circulação de informação tem sido uma das grandes questões na propagação de notícias falsas e de discurso de ódio. Heloisa Massaro, diretora do InternetLab, um centro de pesquisa brasileiro sobre direito e tecnologia, afirma que as grandes empresas de tecnologia em geral se guiam pela noção norte-americana de liberdade de expressão - fundamentada na primeira emenda da constituição dos EUA. [...] Na visão de Massaro, essa postura, que muitas vezes resulta em falta de moderação de conteúdo, ameaça o discurso livre. (G1Eleições, 2022)

Nesse sentido, as mídias sociais desempenham um papel significativo na estetização política, permitindo que políticos alcancem diretamente o público e, com uma sequência de posts controlem as visões do povo acerca da realidade.

Isso é muito evidente em casos como o da Coreia. Não é por acaso que o K-pop tomou o mundo no mesmo ano em que o investimento na indústria coreana fez parte do projeto de governo dos países dominantes.

sobre temas que eram relevantes no local em questão e afetavam a maioria da população – o que tornou Waldo um possível “herói do povo”, mesmo sem que apresentasse sequer uma política pública básica. E, acima de tudo, o personagem era divertido, então, mesmo que suas falas extrapolassem o limite do respeito, elas não intuía a reflexão, mas eram cunhadas como entretenimento. E, assim que Waldo perde a eleição, uma pequena fala do urso que insinuava a fraude nas eleições é suficiente para que o público acate a violência desmedida com o candidato vencedor, buscando o tirar do cargo. Para além, o nível de ligação com o personagem é tanto que, quando o ator que estava por trás do urso abandona o trabalho e passa a criticar Waldo, ele também é agredido pelo público, demonstrando uma alienação extrema, em que a opinião de um desenho animado é realmente levada tão a sério, que não ouvem aquele que estava por trás do desenho se posicionar sobre a problemática de levar em conta a opinião de um urso.

O público tentando fugir de uma proposta falsa de política, comprou outra proposta falsa de política. Esse é um paradoxo interessante do movimento antipolítico. [...] O herói que vem combater um temido e forte inimigo não é questionado nem quando propõe absurdos. A irracionalidade irradiada pelo ursinho é o seu principal perigo à sociedade. É fácil olhar para a história do episódio e se lembrar como Hitler fez dos judeus seus inimigos para conseguir o apoio do povo alemão a uma ideologia tão nefasta e absurda como o Nazismo. É importante olhar para a trajetória de Waldo e questionar devidamente todos os que se candidatam, não só a cargos políticos, mas a capa de herói. (BARRETO, Gustavo. 2017)

Por mais que, fora da série, um desenho animado não possa se eleger – considerando as leis políticas –, este ocorrido ficcional não está muito distante do que aconteceu nos Estados Unidos da América no ano de 2016, a partir do personagem *Pepe the frog* – coisa que era satirizada pelos eleitores de Donald Trump.

FIGURA 14 – Pepe para presidente



Fonte: Salon.com (2016)

Pepe, é um sapo humanoide que teve sua primeira aparição em *Boys Club*, uma revista em quadrinhos de Matt Furie, que ele postava quase que diariamente no MySpace, onde a maioria das pessoas poderia ter acesso facilmente – considerando que foi a primeira grande rede social dos Estados Unidos, tendo sido criada no início do milênio.

O sapo representava todos os trejeitos de um adolescente que vive a vida sem regras. E os quadrinhos tinham como intuito divertir um grupo de pessoas que se reconhecessem nas piadas do sapo, que vivia junto com um grupo de amigos.

Na mesma época em que surge o personagem estava em alta uma rede social em especial, 4chan, que era uma rede que, no geral, incluía este público do Furie – em sua maioria jovens adultos que ainda buscavam compreender sua identidade e seus gostos e, no geral, se intitulavam como “lobos solitários”. Sendo, uma rede social que este grupo utilizava para encontrar outras pessoas que tivessem opiniões semelhantes à sua, para conversar e compartilhar memes através de fóruns, onde todos falavam, obrigatoriamente, de forma anônima.

Uma página dos quadrinhos do *Boys club*, em especial, acabou chamando a atenção de um grupo de pessoas no 4chan, o *Feels Good Man* (“isso é bom cara”) – colocação que acabou se tornando a frase de efeito do personagem. No quadrinho em questão, o sapo brincava com o fato de mijar com a bunda de fora na frente dos amigos. Chamando a atenção do público por um estilo despojado e despreocupado, que a maioria dos adolescentes alega ter.

FIGURA 15 – Boys Club



Fonte: Matt Furie (2008)

Com isso, o sapo se tornou a personificação desse grupo, sendo utilizado de diversas maneiras (FIGURA 16). Ele expressava tristeza – “Feels Bad Man”, demonstrava entusiasmo, vestia-se com fantasias e se prestava a diversas outras representações, sempre refletindo os sentimentos desse grupo. Essa dinâmica consagrou o sapo como o meme característico dessa era.

O que reina neste mundo dos grupos do 4chan, era o desejo de fazer o melhor meme, aquela com qual mais pessoas se reconhecessem, e que alcançasse o maior número de pessoas. Quase como um desejo incondicional de se sentir pertencente a um grupo que possui os mesmos sentimentos.

FIGURA 16 – O meme



Fonte: Civitai.com (2023)

Conforme definido pelo criador do termo ‘meme’, Richard Dawkins, esse conceito abrange tudo que surge a partir de uma transformação do que foi apropriado para que se estabeleça em escala global, um fenômeno exemplificado pelo Pepe.

Dessa forma, os memes ilustram vividamente a noção de reprodução técnica discutida por Benjamin, atingindo um ponto em que a autoria se perde de vista, tornando a obra difusa. O personagem *Pepe the Frog* expandiu-se a tal ponto que não há nem mesmo a identificação clara de quem criou seu primeiro meme, estabelecendo Pepe como um ícone cultural de alcance universal.

Até este momento, apesar da possível problemática a se discutir frente a utilização do personagem sem autorização do criador, e dos problemas sociais que este grupo de adolescentes pode possuir, tudo parecia dentro do comum. E, o criador do sapo vinha ganhando uma boa popularidade, e até passou a investir em outros itens do Pepe que pudessem gerar uma renda fixa para ele – o que parece bom. O grande problema veio pouco antes da eleição de Donald Trump, quando a direita crescia nos Estados Unidos, e o meme se popularizou. Pois, nesse período, não só o 4chan (aquele grupo de “jovens solitários”, que acreditava ter alcançado um símbolo identitário para eles) criava seus memes, mas Pepe já estava em todas as redes sociais.

Assim, aquele grupo de pessoas que conheceu primeiro o personagem e se utilizava do meme, sentiu que sua forma de expressão estava sendo apropriada por um grupo de pessoas “Normies” – que é como eles chamavam aqueles que não participavam de seus grupos. Foi quando surgiu o *Pepe raivoso* – novamente, uma tentativa de expressar o sentimento deste grupo. E, não muito tempo depois, o grupo passou a associar o Pepe a tudo aquilo que soasse ofensivo – nazismo, terrorismo (FIGURA 17), entre outros – na esperança de que as pessoas não desajassem mais utilizar o personagem.

FIGURA 17 – Pepe como figura de ódio



Fonte: Reddit.com (2014)

E, nada era feito contra estas postagens, que estavam resguardados pela suposta inocência de um meme – “são só postagens”, é o que dizia este grupo para se defender das críticas. E continuavam a falar as maiores atrocidades, pautados pela defesa do “é só piada”, ou “é só entretenimento”, que levavam as pessoas a acreditar que não era necessário refletir sobre a problemática.

Mas isso não foi tudo, vendo a revolta de determinadas pessoas com o ato, surge o *Pepe Presunçoso*, basicamente, um Pepe que sugere superioridade, que olha para todos como se estivessem rindo destes – e talvez o Pepe que tenha ficado mais famoso, fora a sua forma original.

FIGURA 18 – Pepe presunçoso



Fonte: Nametag.org (2023)

A "última jogada" da comunidade foi associar o personagem, ao qual já possuíam afinidade, ao Donald Trump, transformando-o no novo símbolo representativo desse grupo. Isso se deu pela percepção de um potencial aliado que poderia validar os sentimentos do grupo, especialmente devido à sua abordagem destemida ao provocar deliberadamente seus opositores – que eram "Normies" (para o grupo, seriam aquelas pessoas que não fazem parte da subcultura dos 4chan).

FIGURA 19 – Pepe Trump



Fonte: thepromptmag.com (2016)

Donald Trump tomou de braços abertos o personagem, republicando diversas vezes em suas páginas os memes que eram feitos o associando ao Pepe.

Como se o Pepe fosse membro da campanha, a 4chan fez com que, aqueles que já haviam utilizado o meme se sentissem pertencentes aquela associação, e chamados a votar em Trump. E, querendo ou não, a maioria das pessoas ainda tinha em mente aquele Pepe divertido, que agora eles associavam ao candidato. E principalmente, o Pepe permite a direita o tom de “estou brincando” ao falar mal de quem quer que seja, o que mascarou parte das falas preconceitos de Donald Trump, e tornou mais fácil sua eleição.

Ou seja, a mídia era da onde poderia vir a crítica aos políticos, mas a mídia era quase que todo inundada pelos memes do Pepe na época – memes estes que reforçavam todos os dias uma versão da realidade que favorecesse Trump.

Obviamente, na época, Hillary Clinton, candidata opositora, chamou atenção para o fato de o Pepe ser na verdade um símbolo de ódio – ao ter representado momentos violentos da história –, no entanto, para uma sociedade que vivia imersa nas redes sociais, o Pepe era uma das melhores formas de entretenimento nos fóruns, o que só deu mais força a campanha do ex-presidente. O pensamento geral era: “Eu gosto do Pepe. A Hillary diz que quem usa o meme é nazista. Então, ela está me chamando de nazista?”.

Por volta de 2014, Pepe virou alvo de uma campanha dos usuários do 4chan, principalmente os ligados à direita-alternativa. Surgiram montagens em que o personagem aparecia como um judeu estereotipado observando os ataques terroristas no 11 de setembro, ou travestido de Hitler. Quando Donald Trump retwittou, em novembro de 2015, uma imagem em que ele próprio aparecia caracterizado como Pepe, o meme tomou conta da rede. [...] Na mesma época, montagens fazendo troça com Clinton apareceram nos fóruns do 4chan, o que ajudou a enfraquecer a presença da democrata nas redes, e Pepe virou uma espécie de cabo eleitoral de Trump, aparecendo em centenas de imagens junto do candidato, ou propagando seu ideário. “Hillary nunca conseguiu estimular a criatividade de seu partido, sua presença na internet não era orgânica como foi a do Trump ou o próprio Bernie Sanders fez”, diz Sergio Amadeu, professor da Universidade Federal do ABC e especialista em comunicação e internet. (JORGE, Jotapê. Exame hoje, 2017)

Considerando a quantidade massiva de memes do Pepe associado ao “exército do Trump” que foram feitos, é possível alegar que a direita conquistou boa parte dos eleitores através da estética de sua campanha – aonde Trump se escondeu atrás de piadas mundialmente conhecidas para ser vangloriado. “Talvez ninguém tenha explicado melhor este fenômeno do que um usuário do 4chan, que exclamou pouco depois da eleição. – Nós conseguimos. Nós elegemos um meme como presidente.” (Jotapê, 2017)

Quanto ao criador do personagem, houve mais de uma tentativa do próprio de retomar os direitos que tem sobre o sapo – que hoje se encontra na lista de símbolos de ódio, estando associado ao nome de seu criador. No entanto, todas as tentativas foram falhas, e hoje lhe resta recorrer a processos, no entanto, tem sido muito trabalhoso, já que, o sapo foi associado a diversas coisas e republicado por milhares de pessoas.

E, até hoje, o criador é dado como o “inimigo da direita”, por estar tentando, segundo eles, impedir a “liberdade de expressão” e suas “piadas” – o que tem retardado ainda mais os processos de retomada dos direitos do sapo ao seu criador.

Atualmente, em Hong Kong, há uma tentativa do que, pra mim, se aproximaria de uma ‘politização da arte’ (se utilizar do entretenimento em prol de discutir questões políticas e sociais de modo a levar a uma reflexão mais particular sobre a situação estatal). Em que Pepe aparece machucado – fazendo referência a tudo de ruim à que já associaram o personagem –, e em seu corpo há diversas frases que o associem agora a um símbolo de liberdade e crítica a ideologias que justifiquem “piadas” preconceituosas.

FIGURA 20 – Save Pepe



Fonte: YouTube - SouthChinaMorningPost (2018)

No entanto, enquanto este movimento não se dissemina, o uso do Pepe que fica mais latente é aquele em que foi utilizado na campanha de Trump, como alavanca política. Em que, Trump fingiu estar representando as massas – seus sentimentos e angústias – para alcançá-las.

6 CONCLUSÃO

Outras formas de dominação mencionadas por Weber – legal e tradicional –, além da carismática, tem suas próprias problemáticas a serem discutidas. Entretanto, destaco a dominação carismática no presente trabalho pela maneira como, durante a história, demonstrou comprometer a proposta da democracia – entre elas o bem estar igualitário – mesmo sendo um tipo de dominação mais comumente associado a formas democráticas de governo.

O fato é que, em todos os casos citados neste trabalho, políticos carismáticos não utilizaram seu carisma de forma desinteressada, mas sim como meio de autopromoção, muitas vezes às custas do prejuízo de grupos de pessoas. Pelo poder que o apoio democrático pode ceder a estes políticos, minam as características democráticas essenciais, como o é com a liberdade de expressão, buscando facilitar a manutenção de seu poder e com a justificativa de que seria em favor da população, que já se encontra alienada pelo discurso carismático.

Esse era o caso dos sofistas, citados por Sócrates em *A República* de Platão. Esses políticos carismáticos destacavam-se por seus discursos persuasivos, focados em conquistar a população em prol de seus interesses, uma técnica que, inclusive, era ensinada por estes, para que outros – aqueles que conseguissem pagar – pudessem aprimorá-la. O mesmo padrão pode ser observado com Hitler, que se utilizava da propaganda política e da dispersão da sociedade moderna para instaurar no imaginário coletivo uma visão sua como herói do pós-guerra na Alemanha. De forma semelhante, Trump fez uso da onda de memes, valendo-se da familiaridade cultural para se assemelhar a algo já apreciado e, ao mesmo tempo, ocultar por trás do entretenimento suas falas preconceituosas.

Considerando que destes, aqueles que não levaram a uma tirania, ameaçaram uma, a análise desses casos ressalta como a dominação carismática – como já era proposto desde Platão, por mais que ele não cite diretamente este conceito – quando instrumentalizada de maneira egoísta, pode representar uma ameaça à integridade dos princípios democráticos, minando a essência igualitária que deveria prevalecer.

Dando início aos meus estudos através de Platão, e tendo observado todos estes casos provenientes da democracia, pode parecer que tal como Sócrates, meu objetivo seria a instauração de uma nova forma de governo – podendo ser a aristocracia filosófica –, que não fosse a democracia. Dado que, parece quase que impossível, pela tese Socrática, uma “boa democracia”, já que ela é fundamentada na opinião de diversas pessoas, que não possuem conhecimento filosófico, ou seja, um conhecimento especializado político para compreender quais pessoas possuem as habilidades políticas para ter como foco a verdade e o bem estar-geral,

assim como, para se alto proclamar alguém que poderia exercer o ato político da liderança. No entanto, o que eu proponho não é a exclusão da democracia, mas uma reflexão acerca de como a democracia tem funcionado, e se ela cumpre com o que se propõe, ao menos com a igualdade eleitoral política.

A conclusão ao qual cheguei, através desta análise histórica – que incube também uma análise de eleições atuais –, é de que é muito mais provável que não seja este o caso – de que a democracia seja realmente igualitária, como propõe. Isso se deu também, por minhas experiências pessoais em sala de aula. Não tenho certeza de como isso poderia funcionar em escolas particulares, mas em escolas públicas, tive acesso a estágios em que a matéria de filosofia política tem sido muito mais teórica do que prática, evidenciando uma falta de aprofundamento político na vida destes alunos, em sua maioria do terceiro ano, e que já estão em idade de exercer o seu papel como eleitores. Com isso, muitos dos alunos demonstravam um déficit em conhecimento político prático, apesar de possuírem conhecimento teórico.

Isso, ao menos para mim, revela uma necessidade emergente de mudança educacional. Quanto a que esta mudança ocorra no âmbito institucional (de forma mais geral), acredito sim que seria essencial, considerando que a instância escolar frequentemente perpetua e legitima desigualdades, ao propor métodos de aprovação que, frequentemente, não amparam todas as formas de aprendizagem e as particularidades culturais de cada aluno, o que tem privado os professores de se aprimorarem em seu ensino – o tornando mais subjetivo e aberto a debates. No entanto, considerando a complexidade de uma mudança institucional – o que iria requerer muito mais tempo e boa vontade do estado –, se torna necessário, como professores, que mantenhamos o aparato teórico, para que determinados alunos tenham oportunidades semelhantes que outros as provas de vestibular e dentro da própria instituição escolar. Porém, acredito que, deveríamos considerar ao menos, num primeiro momento, uma mudança na matéria filosofia, de forma mais específica, na forma como é perpassada – como primeiros passos para uma instituição mais democrática.

Para isto, é crucial valorizar métodos de ensino em que as questões de filosofia política – já escolhidas como básicas pelo projeto político pedagógico da escola – possam ser interligadas a vida do aluno, principalmente, nos últimos anos do ensino médio. Tendo como foco mais central a seleção daqueles assuntos, dentro do que já foi proposto pela instituição, que direcionam a atenção dos jovens em formação para um pensamento crítico e promovam uma reflexão sobre o sistema atual e a influência da cultura. Buscando que, muitos alunos não percam boa parte do que é central para sua cidadania, ou seja, o entendimento da relevância que

o voto destes tem para mudar sua situação econômica e política – o que eu não tenho visto acontecendo, pois, a maioria dos conteúdos de filosofia política não são refletidos em sala de aula com base no que vem ocorrendo na atualidade. Assim como, é essencial que se proponha aulas em que se possa analisar fontes de informação, buscando orientar suas pesquisas políticas. E, apesar de eu acreditar que não seja a solução mais ideal, considerando que ainda estamos tratando de utilizar a arte como artifício político, é possível também que se invista na ‘politização da arte’ em sala de aula. Conceito de Benjamin que se refere a propagação do entretenimento que vier a tratar diretamente de questões políticas e sociais, o que pode incluir críticas a sistemas políticos autoritários, abordagem de desigualdades sociais, ou exploração de temas como direitos humanos, justiça e liberdade – segundo o filósofo Benjamin, o que levaria muito mais a reflexão, e não possui a mesma intenção de influenciar indiretamente e de forma mascarada a situação política como propõe a ‘estetização política’.

E, espera-se que, caso houvesse essa mudança, isso pudesse os capacitar, ao menos um pouco, para que não caiam facilmente em ilusões, incentivando, em vez disso, a análise das propostas efetivas dos então candidatos, e a compreender a importância de abandonar pré-julgamentos baseados em sentimentos estéticos, uma vez que esse artifício é frequentemente utilizado por políticos carismáticos, na intenção de conquistar o apego popular. O que faz também que este trabalho se proponha como material educativo – que busca levar a reflexão dos assuntos citados –, podendo facilmente ser trabalhado no terceiro ano do ensino médio, considerando que a análise estética é um assunto comumente cobrado na base comum de filosofia.

É verdade que, não necessariamente, uma população politicamente informada – pelo menos quanto aos artifícios estéticos políticos – garantiria eleições somente de políticos que visam o bem da sociedade. Até mesmo por que, uma pessoa politicamente informada, pode tomar como escolha, ainda assim, eleger um político com base nos sentimentos que este a proporciona, ou até mesmo, pensando unicamente naquilo que vá a favorecer. Porém, acredito que garantiria ao menos uma situação mais democrática. Onde, por mais que ainda se elejam políticos carismáticos, a população tenha consciência da escolha que tem feito, e do que há por trás desta forma de dominação. Isso é crucial numa tentativa de evitar a repetição da história, onde políticos com intenções autoritárias, discursos de ódio e falta de preparo ou vontade para liderar eficazmente a nação são eleitos, por enganarem uma parte da população ao se esconderem atrás de discursos atraentes que não são devidamente analisados por não haver conhecimento prévio sobre este sistema.

Referências

LIVROS

BENJAMIN, WALTER. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, organização, revisão de tradução e apresentação M. Seligmann-Silva; trad. Gabriel Valladão Silva, Porto Alegre, 2013.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 2ª ed. Trad. João Carlos Martins et alii. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOBBIO, Norberto. *As Teorias das Formas de Governo*, (cap. II). Brasília: Editora UnB, 1997.

LORAU, Nicole. *Elogio do anacronismo*. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LOUREIRO, Isabel. *A revolução alemã*. São Paulo: UNESP, 2005.

PLATÃO. *A República — Platão: Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

WEBER, Max. *“A Política como vocação”*. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.

ARTIGOS

MAIOR, H; BELO, M; PEDROSA, T. DOMINAÇÃO CARISMÁTICA: UM ESTUDO SOBRE A LIDERANÇA DE HITLER NA ASCENSÃO DO NAZISMO. Repositório digital Asces. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2479>>. Acesso em: 01, junho de 2023.

SOUZA, R. B. "Estetização da política e politização da arte": a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin. *Revista Espaço Acadêmico*, 15(171), 44-60. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26904>>. Acesso em: 25, abril de 2023.

VYLLELA, T. “ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA” E “POLITIZAÇÃO DA ARTE” NA URSS: WALTER BENJAMIN E O MOVIMENTO PRODUTIVISTA (1926-1936). Scielo Brasil. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rh/a/qsZprNWPFmPSfgqrMxGKwYG/?lang=pt>>. Acesso em: 20, abril de 2023.

SITES

Qual é o papel do eleitor? Politize. Blume, B. A. 31 de mai. de 2016. Disponível em: <[Qual é o papel do eleitor? | Politize!](#)>. Acesso em: 5, outubro de 2023.

O povo sabe votar? Istoé. Porchat, F. 07 de out. de 2015. Disponível em: <[O povo sabe votar? - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](#)>. Acesso em: 6, outubro de 2023.

10 características de pessoas carismáticas. Marzola, V. 29 de mai. de 2021. Disponível em: <[10 características de pessoas carismáticas \(psicologo.com.br\)](#)>. Acesso em: 20, outubro de 2023.

Trump se entrega em uma prisão no estado da Geórgia para ser fichado. G1Mundo, 24 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/24/trump-chega-na-georgia-para-ser-fichado-em-prisao.ghtml>>. Acesso em: 02, setembro de 2023.

Trump chama impeachment de 'perigo tremendo' e 'caça às bruxas'. CNNBrasil. Klein, B. 12 de jan, de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-diz-que-esforco-para-impeachment-causa-raiva-e-que-nao-quer-violencia/>>. Acesso em: 23, novembro de 2023.

O tuíte de Donald Trump que teria incitado ataque ao Capitólio, segundo comissão. BBC NEWS Brasil. Sheerin, J. 13 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62147147>>. Acesso em: 16, outubro de 2023.

Hallyu: como a Coreia do Sul transformou o K-pop em ferramenta política. Colab PUC Minas, 24 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://blogfca.pucminas.br/colab/hallyu-como-a-coreia-do-sul-transformou-o-k-pop-em-sua-principal-ferramenta-politica/>>. Acesso em: 06, dezembro de 2023.

Por que Trump agora defende que as pessoas tomem vacina contra Covid? G1Mundo, 13 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/01/13/por-que-trump-agora-defende-que-as-pessoas-tomem-vacina-contr-covid.ghtml>>. Acesso em: 23, outubro de 2023.

Relembre os fatos mais marcantes da trajetória de Trump como presidente dos EUA. CNN-Brasil. Franzão, L. 20 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/relembre-os-fatos-mais-marcantes-da-trajetoria-de-trump-como-presidente-dos-eua/>>. Acesso em: 23, novembro de 2023.

6 indicadores em que os EUA estão no mesmo nível dos países subdesenvolvidos. BBCMundo. Bermúdez, A. 03 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42076223>>. Acesso em: 22, novembro de 2023.

Eleições nos EUA: as origens da estratégia de Trump de alegar fraude. BBC NEWS Brasil. Spring, M. 23 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55042130>>. Acesso em: 22, novembro de 2023.

Relembre as mentiras mais famosas de Trump. G1Mundo. Modelli, L. 09 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/09/relembre-as-mentiras-mais-famosas-de-trump.ghtml>>. Acesso em: 22, novembro de 2023.

O que Whatsapp, Telegram, TikTok, Facebook e YouTube prometem fazer contra fake news nas eleições. G1Eleições, 28 de mar. de 2022. Disponível em: <[O que WhatsApp, Telegram, TikTok, Facebook e YouTube prometem fazer contra fake news nas eleições | Eleições 2022 | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/eleicoes/2022/noticia/2022/03/28/o-que-whatsapp-telegram-tiktok-facebook-e-youtube-prometem-fazer-contr-fake-news-nas-eleicoes-|Eleicoes-2022-|G1-globo.com)>. Acesso em: 20, novembro de 2023.

My Space – História e evolução da rede social sucesso dos anos 2000. SEGREDOS DO MUNDO, 29 de jul. de 2020. Disponível em: <[MySpace - História e evolução da rede social sucesso dos anos 2000 \(r7.com\)](https://www.r7.com/segredos-do-mundo/my-space-historia-e-evolucao-da-rede-social-sucesso-dos-anos-2000/)>. Acesso em: 20, novembro de 2023.

DOCUMENTÁRIOS/SÉRIE

Feels Good Man. Direção de Arthur Jones. Produção de Giorgio Angelini; Caryn Capotosto; Arthur Jones; Aaron Wickenden. EUA: estreia no festival de Sundance, 2020. Serviço de stream: Prime Video.

De Caligari a Hitler. Direção de Rüdiger Suchsland. 2014.

BLACK Mirror. Diretor: Charlie Brooker / Roteiro: Charlie Brooker, Rashida Jones e Michael Schur. Reino Unido, 2011-2016. Serviço de stream: Netflix.

VÍDEOS

NORMOSE. Como a arte controla sua vida? (e você nem percebe!) – Estética, política e Manipulação! – EP. 01. YouTube, 7 de abr. de 2022. Disponível em: <[\(95\) como a arte controla sua vida? \(e você nem percebe!\) -Estética, Política e Manipulação! - EP. 01 - YouTube](#)>. Acesso em: 12, janeiro de 2023.

NORMOSE. Como a arte pode matar milhões? Estética da Maldade – EP. 01. YouTube, 19 de jul. de 2022. Disponível em: <[\(95\) Como a arte pode matar milhões? - Estética da Maldade EP. 1 - YouTube](#)>. Acesso em: 7, fevereiro de 2023.

NORMOSE. Como a extrema direita SEQUESTROU um meme para radicalizar jovens? (SAPO PEPE desmascarado!). YouTube, 10 de mai. de 2023. Disponível em: <[\(95\) Como a extrema direita SEQUESTROU um meme pra radicalizar jovens?\(SAPO PEPE 🐸 desmascarado!\) - YouTube](#)>. Acesso em: 19, maio de 2023.

Band Jornalismo. Invasão ao capitólio: lideranças do mundo condenam barbárie nos EUA. YouTube, 07 de jan. de 2021. Disponível em: <[\(95\) Invasão ao Capitólio: lideranças do mundo condenam barbárie nos EUA - YouTube](#)>. Acesso em: 10, novembro de 2023.

Brasil de fato. Como funcionam as eleições nos EUA? YouTube, 20 de set. de 2020. Disponível em: <[\(95\) Como funcionam as eleições nos EUA? - YouTube](#)>. Acesso em: 30, outubro de 2023.

Negocializando. A HISTÓRIA DE DONALD TRUMP. YouTube, 27 de nov. de 2022. Disponível em: <[A HISTÓRIA DE DONALD TRUMP - YouTube](#)>. Acesso em: 30, outubro de 2023.

RECORD. Retrospectiva 2016: Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos. YouTube, 30 de dez. de 2016. Disponível em: <[\(95\) Retrospectiva 2016: Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos - YouTube](#)>. Acesso em: 30, outubro de 2023.

Profa Anelize. Grécia Antiga: Democracia Ateniense. YouTube, 17 de out. de 2020. Disponível em: <[\(428\) Grécia Antiga: Democracia Ateniense - YouTube](#)>. Acesso em: 14, agosto de 2023.

A Filosofia Explica. Mulinari, F. Por que Sócrates criticava a democracia? YouTube, 22 de jun. de 2020. Disponível em: <[\(430\) Por que Sócrates criticava a democracia? - YouTube](#)>. Acesso em: 8, setembro de 2023.

Jornalismo TV Cultura. Pondé explica visão de Platão em relação à democracia. YouTube, 23 de jun. de 2022. Disponível em: <[\(430\) Pondé explica visão de Platão em relação à democracia - YouTube](#)>. Acesso em: 8, agosto de 2023.

Vogalizando a História. A ASCENSÃO DE HITLER || VOGALIZANDO A HISTÓRIA. YouTube, 24 de abr. de 2019. Disponível em: <[\(547\) A ASCENSÃO DE HITLER || VOGALIZANDO A HISTÓRIA - YouTube](#)>. Acesso em: 28, agosto de 2023.

Vogalizando a história. COMO ELE CHEGOU NO PODER? || VOGALIZANDO A HISTÓRIA. YouTube, 28 de out. de 2022. Disponível em: <[COMO ELE CHEGOU NO PODER? || VOGALIZANDO A HISTÓRIA - YouTube](#)>. Acesso em: 18, setembro de 2023.

Casa do saber. A ESTÉTICA DO CINEMA POR WALTER BENJAMIN | Paulo Niccoli Ramirez. YouTube, 7 de abr. de 2020. Disponível em: <[\(729\) A ESTÉTICA DO CINEMA POR WALTER BENJAMIN | Paulo Niccoli Ramirez - YouTube](#)>. Acesso em: 6, junho de 2023.

Leitura Obrigatória. ANACRONISMO CONCEITUAL: quando ocorre e por quê? YouTube, 28 de set. de 2017. Disponível em: <[\(6\) ANACRONISMO CONCEITUAL: quando ocorre e por quê? - YouTube](#)>. Acesso em: 23, outubro de 2023.

RedeSeculo21. Século News 17/06/2015 – Donald Trump candidato. YouTube, 17 de jun, de 2015. Disponível em: <[\(97\) Século News 17/06/2015 - Donald Trump candidato - YouTube](#)>. Acesso em: 22, novembro de 2023.

BBC News Brasil. 'Cala a boca, cara': Trump e Biden fazem debate caótico. YouTube, 30 de set. de 2020. Disponível em: <[\(97\) 'Cala a boca, cara': Trump e Biden fazem debate caótico - YouTube](#)>. Acesso em: 22, novembro de 2023.